

Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Curso de Licenciatura em Geografia

Memorial Acadêmico

Michele Christina Reboli Atab

Memorial acadêmico para conclusão do
curso de Licenciatura em Geografia da UFPR -
Setor Litoral

Mediadora: Prof. Dra. Ângela Massumi Katuta

Matinhos

2024

Sumário	Página
Agradecimentos	3
Introdução.....	4
Trajetória de vida.....	5
Primeiro semestre de 2019.....	8
Síntese do semestre.....	16
Segundo semestre de 2019.....	18
Síntese do semestre.....	28
Primeiro semestre de 2020.....	29
Síntese do semestre.....	29
Segundo semestre de 2020.....	30
Síntese do semestre.....	30
Primeiro semestre de 2021.....	31
Síntese do semestre.....	39
Segundo semestre de 2021.....	40
Síntese do semestre.....	52
Primeiro semestre de 2022.....	53
Síntese do semestre.....	57
Segundo semestre de 2022.....	58
Síntese do semestre.....	67
Terceiro semestre de 2022.....	68
Síntese do semestre.....	86
Primeiro semestre de 2023.....	87
Síntese do semestre.....	95
Segundo semestre de 2023.....	96

Síntese do semestre.....	104
Considerações finais.....	105
Referências Bibliográficas.....	105

Agradecimentos

Gratidão primeiramente a Deus, motivação dos meus dias, fonte inesgotável de força e amor.

Gratidão a minha família, minha mãe Regina, que veio para o litoral, deixando o resto da família para me acompanhar, por todo o apoio, carinho e compreensão durante minha trajetória acadêmica. Ao meu pai que, com certeza, realizaria seu sonho de me ver formada. À minha irmã Daniele, que acreditou em mim e me motivou a regressar aos estudos, meu cunhado Bento, que sempre foi solícito nessa minha jornada universitária.

Por todo apoio, carinho, amizade e companheirismo, agradeço a turma da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Paraná 2019, da qual eu tive o privilégio de fazer parte. Aos amigos, Patrícia, Maraísa, Ivana, Giovanna, Peterson, Rafaela e todos os outros, que sempre estiveram comigo nessa caminhada.

Gratidão àqueles que foram meus professores na Educação Básica e no Ensino Superior, e contribuíram grandemente para minha construção acadêmica e pessoal, Marcos A. Zanlorenzi, Rodrigo R. Mengarelli, Carolina D. Schultz, Felipe Vanhoni Jorge, Neusa M. Tauscheck, Valdo J. Cavallet, Letícia A. Duarte.

Gratidão em especial, a minha querida orientadora Ângela Massumi Katuta, que com muito carinho e paciência, me orientou no desenvolvimento do presente trabalho, que é uma valiosa parcela de todo o aprendizado que ela me proporcionou, com admirável amor e sabedoria.

Introdução

O presente memorial acadêmico tem como objetivo relatar a minha trajetória no curso de licenciatura em Geografia, refletindo sobre as experiências, aprendizados e desafios que moldaram minha formação acadêmica e profissional. Ao longo dos anos, desenvolvi um crescente interesse pelas ciências humanas e pelo estudo do espaço geográfico, o que me motivou a escolher a Geografia como campo de formação.

Desde o início do curso, tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre os processos naturais e sociais que estruturam o espaço, além de participar de atividades práticas que me permitiram vivenciar a aplicação desses conhecimentos no ensino. Este memorial busca destacar as experiências significativas dessa jornada, as influências teóricas e práticas que contribuíram para a minha formação como educadora, e as expectativas que carrego para o exercício da docência em Geografia.

Trajetória de vida Meu nome é Michele Reboli Atab, nasci e cresci na cidade de Curitiba, estado do Paraná, bairro de nome Juvevê. Fui uma criança alegre e comunicativa, tinha muitos amigos na minha rua e também na escola, sempre fui bastante sociável e adorava brincar. Morava no mesmo terreno da casa dos meus avós maternos, tenho uma tia quase da mesma idade, estávamos sempre juntas. Na casa ao lado, morava outra tia e primos. Quando fiz três anos ganhei uma irmã, Daniele, fato que deixou nossa família muito contente.

Meus avós paternos moravam bem próximos e foram muito presentes em minha infância. Meu avô era farmacêutico e proprietário da farmácia do bairro, adorava ajudar (eu achava isso) meus avós na farmácia, atender as pessoas, sempre perguntando os porquês de tudo, achando o máximo meu avô aplicar injeções, olhar a garganta das outras crianças, fazer suas fórmulas etc.

Gostava muito quando chegava o final do ano e íamos todos para a praia, que felicidade, passava o verão todo em Matinhos, litoral do Paraná. E como era divertido! Ia cedinho com meu avô Juca, pai da minha mãe, comprar camarão de isca para ele pescar, depois ia com minha avó, mãe, tia e todas as crianças da casa para a beira do mar, antes do meio dia, voltávamos para casa, na rua ainda, um já gritava: "primeiro a tomar banho!" Só havia um banheiro.

Lembro bem da casa dos meus avós, era de madeira, onde tinha o quarto deles, o da minha mãe e o da minha tia, minha mãe acabava dormindo com minha tia porque as crianças queriam ficar juntas nas brincadeiras, jogo de mico, damas, era tudo muito bom. Meu avô sempre trazia os peixes fresquinhos que ele pescava, ajudávamos a limpar e minha avó fritava no almoço.

O tempo passou entre estudos, trabalho, amores, novas experiências e amizades, quando eu tinha uns 12 anos nos mudamos de perto dos avós para um apartamento no Alto da Glória, bairro ao lado, mas foi difícil para eu ficar longe do resto da família, apesar de nos vermos sempre.

Estudava em um colégio no bairro mesmo, fiz o curso de magistério e comecei a estagiar em um jardim de infância, quando terminei o segundo ano, fiz um terceirão, como era chamado, terceiro ano juntamente com cursinho pré vestibular, o que me arrependo. Se eu tivesse terminado o magistério, teria tido mais chances de trabalho.

Como eu já trabalhava em uma pré-escola no período da tarde, continuei lá por doze anos.

Me preparei para fazer o vestibular de Farmácia e Bioquímica, só havia o curso na Universidade Federal do Paraná (UFPR), mas não consegui um bom resultado, consegui me classificar no curso de Fisioterapia na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), cursei até o terceiro ano, mas tive que trancar, pois meu pai faleceu de infarto fulminante, muito novo ainda, e não pudemos mais pagar. Todo ano eu tentava terminar, mas não era possível, era muito caro, tinha que trabalhar para ajudar minha mãe e minha irmã.

Mais tarde comecei a trabalhar no comércio, com vendas de artigos femininos, e o tempo passou muito rápido e eu acabei não estudando mais. Sentia-me incompleta por não ter terminado meus estudos.

No ano de 2011 minha irmã mudou-se para Matinhos para lecionar, soube que havia um setor da UFPR aqui no litoral. Mais tarde, ficou sabendo que havia o curso de licenciatura em Geografia e me avisou, pois sempre foi ciente que eu gostava muito desse curso, fiquei empolgada e comecei a estudar, assistia aulas no YouTube e reli algumas literaturas que eu tinha em casa. Fiquei muito agradecida quando saiu o resultado, nem acreditei que havia passado.

Mudei totalmente minha vida ao vir para Matinhos, no começo fiquei sozinha, estranhei bastante, pois apesar de conhecer muito a cidade, é bem diferente de Curitiba, tenho um amigo muito querido que trabalha aqui no restaurante ao lado de casa, o Roni e, muitas vezes, chorava no ombro dele de solidão. Desde o falecimento do meu pai, morei sempre com minha mãe, então nos finais de semana ia para Curitiba, quando começou a pandemia do Covid 19, minha mãe veio ficar aqui em Matinhos, gostou muito da tranquilidade daqui, agora não pensa em voltar para Curitiba.

Nunca esqueço o primeiro dia de aula, estava eufórica, saí bem cedo de casa, muito contente, acredito que todos os estudantes paranaenses tem o sonho de ingressar na UFPR.

Cheguei na sala 36 A, sala temática da Geografia, olhava tudo admirada, as mesas redondas com toalhas coloridas e brilhantes, os materiais didáticos, uma estante com livros e vários cartazes nas paredes. Fizeram uma mesa com frutas, biscoitos, sucos, café etc. Fomos recebidos com muito carinho pelos professores e veteranos do curso, fui conversar com umas meninas, a Lauren e a Giovanna, nunca esqueço e elas me trataram por senhora, fiquei meio sem jeito na hora, mas daí pensei, sou senhora mesmo! Rsrtrs. Conhecemos os professores e as propostas da UFPR Litoral, totalmente diferenciada, como eram os módulos, FTPs (Fundamentos Teóricos Práticos); ICHs (Interações Culturais e Humanísticas); PA (Projeto de Aprendizagem). A seguir, apresento descrições e reflexões sobre os módulos que fiz ao longo dos semestres do curso.

Módulos e atividades realizadas no primeiro semestre de 2019

Módulo: Representações, Leituras e Análises Geográficas

Profa. Responsável: educadora Ângela Massumi Katuta

No primeiro encontro, Katuta convidou uma orientada dela, infelizmente não lembro o nome. No começo da formação eu não tinha o costume das anotações, o que acho agora imprescindível, pois é uma ferramenta de suma importância para os universitários. Recordo até hoje as palavras dela sobre a importância da licenciatura na transformação da sociedade, na formação de indivíduos mais críticos, conscientes e capacitados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, na promoção de inclusão social, da igualdade de oportunidades e do respeito à diversidade. A licenciatura é essencial para o desenvolvimento intelectual crítico dos estudantes, fundamental ao processo de construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Começou um mundo totalmente novo para mim, não sei como consegui viver toda minha vida alienada a tantos assuntos importantes e interessantes. Realmente sempre gostei da geografia, mas eu estava pensando que iria aprender conteúdos que havia estudado na minha jornada escolar, o que aprendi na escola, a geografia física mesmo e comecei a me surpreender bastante com os assuntos apresentados pela educadora.

Mas tudo mudou completamente quando comecei a conhecer tudo isso na íntegra, quando começamos os trabalhos de campo para as cidades litorâneas no entorno de Matinhos e inclusive aqui também. Durante os trabalhos de campo do reconhecimento do litoral, conhecemos vários conflitos e problemas da população do litoral. Ao meu ver, todos ocasionados pela ganância humana, o capitalismo está sempre à frente de tudo. Foi maravilhoso conhecer as comunidades e suas lutas de resistência.

A observação sobre as relações entre campo e cidade e a produção de espaços a partir de fatores socioculturais, políticos e territoriais é uma reflexão rica e

complexa. No caso do litoral paranaense, é interessante notar como cada município possui suas próprias características espaciais e sociais, mas também compartilha semelhanças devido à proximidade das características geográficas e contextos de formação sócio espaciais regionais comuns.

Essas características específicas podem incluir aspectos como a distribuição de áreas urbanas e rurais, o uso do solo, a infraestrutura disponível, as atividades econômicas predominantes (como o turismo, pesca, agricultura etc.), e as tradições culturais locais. Por outro lado, as semelhanças podem surgir de fatores como a influência do clima litorâneo, políticas públicas regionais, o histórico da formação territorial e a necessidade de lidar com questões ambientais e de preservação do ecossistema costeiro.

Refletir sobre essas inter-relações pode ajudar a compreender melhor os desafios e as oportunidades que cada município enfrenta, bem como a importância de estratégias de desenvolvimento integradas e sustentáveis que considerem tanto as particularidades locais quanto a visão de um litoral coeso e colaborativo.

Comecei a compreender as dificuldades dos povos, os conflitos e a luta por uma educação melhor, moradia, saúde e respeito ao próximo. Eu nunca havia parado para pensar nessas pessoas que perderam tudo e foram mandadas para lugares longe de onde habitavam com suas famílias para a construção do porto de Paranaguá, e a falta de trabalho para os pescadores que, após a abertura do porto, têm que conviver com os desastres ambientais ocasionados pelos navios como o Catalina e o Vicunha, que matou milhares de peixes e deixou muitas famílias em situação econômica precária. Tem também o descarte da água de lastro que traz muitas espécies invasoras e causa desequilíbrio ecológico, um exemplo disso é o caramujo africano que se adaptou ao ecossistema local e é considerado uma praga na região.

Foram feitos vários seminários em sala de aula sobre os conceitos básicos da geografia como lugar, espaço, região, escala, paisagem e território. Todos muito importantes para a melhor compreensão dos próximos assuntos que foram abordados. Assuntos importantes, os quais descrevi nos meus portfólios. Essas saídas de campo me enriqueceram bastante, vejo como o estudo é necessário na vida das pessoas, quero me tornar uma educadora assim, que tenha esse olhar para

com o próximo e não simplesmente para o meu sustento, ir para escola dar as aulas propostas e pronto, quero mudar a cabeça dos meus alunos, assim como mudaram a minha.

Essa transformação que comecei a sentir, foi assustadora, eram tantos assuntos novos, a informática entrando com tudo e eu mal sabendo ligar o computador. Eu estava uns 30 anos sem entrar em uma sala de aula, vendo meus colegas borbulhando de curiosidade, determinação, juventude e entusiasmo. Às vezes me perguntava, o que estou fazendo aqui?

Quanto tempo tenho pela frente? Como competir com uns juvenzinhos espertos desses? Foi preciso muita força de vontade e determinação para eu não ter desistido do curso, os educadores passavam as leituras e eu não compreendia nada, tinha que ler várias vezes até ter o mínimo de compreensão. Mas a cada novo assunto, cada lugar, paisagem, território que eu via me deixava mais ansiosa por conhecimento.

Em Antonina, conhecemos o porto, no qual atracam navios de calado menor, que recebem na maior parte das cargas carnes e açúcar. Ao lado do porto onde há o armazém do mate, que já não funciona mais, porém foi muito importante no início e estruturação da cidade. Lá funciona a usina hidrelétrica Governador Pedro Viriato Parigot de Souza, que entrou em operação em 1970, e recebe água da represa Capivari, que deságua no rio Cachoeira que, por sua vez, deságua no complexo estuarino da serra do mar.

Fomos a uma farmácia secular, onde o farmacêutico nos contou suas diversas peculiaridades que passa de pai para filho. Essa visita me chamou bastante a atenção, já que meus familiares eram e são, farmacêuticos. A praça coronel Macedo com maravilhosas árvores seculares, o Teatro Municipal e a Igreja São Benedito, construída por escravos e chamada de "Igreja Dos Escravos".

A família do educando João Pedro Corisco nos acolheu com muito carinho e ofereceu-nos uma deliciosa feijoada. No final do dia nos dirigimos para a Ponta da Pita, local muito visitado por turistas, e passamos pelo porto antigo, da família Matarazzo.

A maior experiência me foi reservada quando fomos na Terra Indígena Guaviraty, Mbyá Guarani, no balneário de Shangri Lá. Nunca havia conhecido um indígena, só quando via em algum local as mulheres e crianças vendendo cestos, e o pouco que ouvi em aulas no meu tempo de estudante, era aquele olhar bem básico dos professores que tive na minha infância e adolescência. Dia 19 de Abril era comentado, sobre os habitantes que residiam no Brasil na época do “descobrimento” (INVASÃO). Poderia ficar por horas escutando o cacique Paulinho, com sua fala calma, nos contando de suas lutas, quando aqui chegaram vindos da Argentina e alguns da Ilha da Cotinga, das lutas atuais, por educação, saúde, melhores moradias, água potável, eletricidade até o nascimento das crianças, que seus pais escolhem um nome em português, mas só depois de um ano, o Pajé reza durante três a quatro dias para ter inspiração dos seus antepassados para encontrar um nome indígena. Alguns estudantes ajudaram a construir a escola: Guavira Poty que significa flor do guavirá.

Desde o primeiro contato que tive com os indígenas, senti uma ligação muito forte com eles, três anos depois comecei a fazer parte de um grupo de pesquisa, uma Iniciação científica sobre Cartografia Social dos Povos Indígenas, que sou apaixonada e mais para frente, irei relatar.

À tarde fomos para Pontal do Paraná conhecer uma cooperativa de mulheres que tiram couro de tilápia para produzir vários artesanatos. O Paraná é o primeiro estado do Brasil em produção de couro de peixe e o Brasil está em quarto lugar no mundo. Também utilizam o couro do robalo, pescada, linguado e corvina. A cooperativa exporta o couro para diversos países.

No trabalho de campo de Matinhos, conhecemos dona Iraci, seu pai fazia a travessia com barcos na Baía de Guaratuba, pois naquele tempo não havia ferry boat. Numa dessas viagens, em 1949, perdeu sua mãe e cunhada, pois o barco naufragou na baía. Após o ocorrido, a família resolveu se mudar para a Prainha e dona Iraci andava 7 km de distância para estudar na escola (isolada), que foi a primeira do município. Ali começava uma grande disputa por terra e território, mas eu comecei a entender os trabalhos de campo, geograficamente.

Gosto muito das rodas de conversa, sempre me trouxeram diversos ensinamentos sobre a vida aqui do litoral. Mais tarde nos encontramos com avó e tias

de uma educanda, que nos receberam gentilmente, e nos encantaram com vários relatos de suas trajetórias de vida, infância, adolescência, amores e desamores, dificuldades familiares e para estudar. Acho que como eu, meus colegas viajavam nesses relatos, dava para sentir as situações com emoção, como quando só havia um gerador e as luzes eram desligadas às 22 horas e o céu ficava cheio de estrelas, passavam o pé na areia e parecia que pareciam faíscas. Conversamos sobre as parteiras, benzedadeiras, receitas caiçaras e vários outros assuntos. Foi muito gratificante.

Outro encontro importante aconteceu em Morretes, na associação de moradores do Rio Sagrado, conversamos com o Israel, estudante do curso da Licenciatura em educação do campo, falecido recentemente em um acidente. Essa associação é um espaço voltado à comunidade, eles trabalham com a captação de água do Rio Serrinha, que desemboca no rio Sagrado e fornece água para cento e noventa e dois usuários locais. Ela também cuida da estrada, das pontes, da limpeza das ruas e iluminação. Os moradores contam com diversas palestras sobre vários assuntos interessantes à comunidade, cursos de inglês, culinária. A associação é um valioso espaço de educação não formal.

Esse primeiro semestre ficou marcado por muito conhecimento, conversas com pessoas especiais e lugares diferentes do tão conhecido litoral para mim, fatos que nem passavam pela minha cabeça, eu nunca havia parado para pensar nessas histórias, das alegrias, tristezas e até mortes de familiares desses moradores. Compreendi que eu não conhecia nada!

Educação, escolas, culturas e sociedades para a licenciatura em Geografia

Esse módulo nos foi apresentado pelo **educador Marcos Aurelio Zanlorenzi**, carinhosamente chamado de Zan. Lembro da primeira mística que ouvi e vi em minha vida, "Ninguém tira o trono de estudar", foi uma coisa totalmente diferente para mim, o educador sempre trazia uma, toda aula eu já ficava esperando. Outra que gostei muito foi "Utopia", vídeo no qual o escritor falecido Eduardo Galeano declama uma poesia. Teve outro vídeo também intitulado "Cota não é esmola", hoje tenho vergonha

de falar, mas eu nunca havia me importado com isso até conhecer a Universidade, cota? O que era isso?

Outro momento que me marcou foi um vídeo do Paulo Freire, que mostrava Angicos, cidade com o maior índice de analfabetos e primeira experiência de alfabetização por meio de uma metodologia criada pelo educador. Há relato de mulheres que fugiam dos pais pela janela para poderem aprender e escondiam os livros e cadernos para não serem queimados e rasgados.

A licenciatura em geografia abrange uma vasta gama de tópicos relacionados à educação, escolas e sociedades, nos preparamos para ensinar não apenas os aspectos físicos do planeta, mas também a complexidade das interações humanas e culturais, essa formação foi crucial para desenvolver uma compreensão holística do mundo e promover uma educação que capacita os nossos futuros educandos a enfrentar os desafios globais de maneira informada e sustentável.

Interação Cultural e Humanística: Zooich

Prof. responsável: Luiz Augusto de Macedo Mestre

Não havia entendido bem o que seria uma Interação Cultural e Humanística (ICH). Escolhi um assunto do meu interesse, já havia estudado zoologia ao longo da minha jornada escolar, mas nunca com esse olhar que tenho hoje e a importância que todos têm no ecossistema. Nos encontros de quarta-feira o educador foi nos apresentando esse universo interessante e essencial para a vida do planeta. As ICHs foram experiências muito importantes para a minha caminhada acadêmica, a interação com educandos e educadores de outros cursos foram fundamentais para o meu desenvolvimento.

A causa de tudo é o aquecimento global e já penso no capitalismo e automaticamente no bem-viver com sua proposta de equilíbrio com a natureza em oposição ao conceito de acumulação perpétua, Em alguns encontros fizemos caminhadas até o costão rochoso no Morro do boi, onde encontramos várias espécies de animais marinhos.

Fizemos um seminário com assuntos sugeridos pelo educador, escolhi sobre pescarias artesanais, um tema que sempre me encantou. Pesquisei como eram feitas as pescarias, tipos de redes, períodos de defeso e principais instrumentos usados na pesca artesanal, como por exemplo, pranchas de arrasto, tipos de redes (malhas).

Particpei do Fich, com a participação de todas as lchs com apresentações, teve dança, música, rodas de conversas, tudo muito cultural. O educador nos pediu que fizéssemos um modelo para apresentar. Poderia ser qualquer espécie que estudamos e meu modelo foi uma formiga. Fazia muitos anos que eu não fazia um trabalho manual. Quando eu estudei, sempre fazíamos maquetes nas aulas de Geografia e Ciências, lembro uma que fiz em grupo, do sistema solar, senti uma espécie de nostalgia, foi bom.

Integração Universitária e Reconhecimento do Litoral

Profs. Responsáveis: Paulo Gaspar Graziola e Ione Maria Aschidamini

Nossos encontros foram ministrados pelos educadores Paulo Gaspar Graziola e Ione Aschidamini, nos foi falado sobre o Bem Viver, que apresenta uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida. É saber viver em harmonia e equilíbrio com a natureza, é a sabedoria dos povos originários. Os treze princípios do Bem Viver são: saber comer, saber beber, saber dançar, saber dormir, saber trabalhar, saber meditar, saber pensar, saber amar e ser amado, saber ouvir, saber falar, saber sonhar, saber andar, saber dar e saber receber.

O bem viver tem como princípio a reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre pessoas e comunidades humanas e não humanas. Ele é livre de preconceitos e abomina a prática da acumulação perpétua.

Outras atividades complementares realizadas na Universidade

Particpei da Jura - Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária que aconteceu na sala multiuso e vieram vários convidados de Curitiba. É um evento que

ocorre em diversas universidades brasileiras, organizado por movimentos sociais, como o MST (Movimento dos trabalhadores rurais sem terra). Entendi que o objetivo é promover debates, palestras e atividades culturais que discutam a importância da reforma agrária, a situação do campo no Brasil e a luta pela terra e pela justiça social. Foi de muita valia para a minha educação, participar desse evento é muito importante para engajar estudantes, professores, pesquisadores e a comunidade em geral, criando um espaço de reflexão e mobilização em torno das questões agrárias. É um movimento importante para o Brasil, que busca aprofundar o debate sobre a reforma agrária e sua relevância como política pública para reduzir a desigualdade social. A proposta de redistribuição de terras é vista como uma maneira de enfrentar a histórica concentração fundiária, que tem raízes na colonização/invasão e nas práticas escravocratas e exploratórias.

A reforma agrária visa redistribuir terras improdutivas para famílias sem-terra, promovendo a justiça social e o desenvolvimento sustentável. Além disso, busca garantir o acesso a recursos essenciais, como educação, saúde e infraestrutura, para melhorar a qualidade de vida das populações rurais.

Os desafios em relação à justiça social no Brasil são amplos e complexos. A concentração de terras continua a ser um problema significativo, onde uma pequena elite possui vastas extensões de terra, enquanto milhões de pessoas não têm acesso à terra para viver e trabalhar. Isso agrava a desigualdade social e econômica e perpetua a marginalização de comunidades tradicionais e povos originários, cujos direitos são violados.

A implementação de um projeto de reforma agrária eficaz requer um comprometimento sério do governo e da sociedade, políticas públicas consistentes e um processo contínuo de monitoramento e avaliação. Também é necessário garantir a participação ativa das comunidades afetadas, respeitando seus conhecimentos e tradições.

A JURA desempenha um papel crucial ao educar e mobilizar a comunidade universitária sobre a importância da reforma agrária e ao pressionar por mudanças políticas que promovam a justiça social e a igualdade de oportunidades. A luta pela

terra é, em última análise, uma luta por dignidade, direitos humanos e um futuro mais justo para todos os brasileiros.

Foi apresentado um vídeo sobre a vida e a luta da vereadora Marielle Franco, que sempre estava lutando a favor das mulheres e negros que constituem as minorias raciais. Um educando declamou uma poesia e todos nós saímos do local com uma placa de homenagem e seguimos para o corredor da entrada da Universidade onde ela foi colocada, ao som da escola de samba da Mangueira. Todos aclamaram "Marielle vive"! Voltamos pelos corredores aclamando, foi bem emocionante, mesmo que não quisesse, escorria lágrimas dos olhos.

Tive participação também no evento "Decolonize sua Cabeça", muito valoroso que aconteceu no Auditório. Foi sobre a cultura negra e como o preconceito racial ainda é muito acentuado no Brasil e no mundo inteiro. Teve falas de mulheres negras e muita cultura, músicas, capoeira etc.

Síntese das aprendizagens no semestre

Esse semestre foi fundamental para desenvolver minha capacidade de interpretar o espaço geográfico através de múltiplas abordagens. Através de leituras, representações espaciais e conversas em sala de aula, desenvolvi habilidades de análise que me permitiram entender como o espaço é construído socialmente, tanto no âmbito físico quanto no cultural.

A inter-relação entre escolas, culturas e sociedades foi um tema muito discutido, como o espaço escolar é um reflexo das dinâmicas culturais e sociais.

Discutimos sobre o papel do professor como mediador entre os conhecimentos formais e as realidades dos alunos, como buscar uma prática pedagógica inclusiva e que respeite a diversidade cultural e como a Geografia pode ser um instrumento de transformação social.

Compreendi também sobre a importância do trabalho de campo no estudo geográfico, ao explorarmos os municípios do litoral, entendemos as dinâmicas ambientais e sociais que estruturam essas áreas, como processos de erosão (Caieiras) e ocupação humana (Paranaguá). O contato direto com a paisagem e a realidade local contribuiu para uma melhor compreensão dos conteúdos teóricos

apresentados em sala de aula, evidenciando a importância de uma formação prática que complementa a teoria.

Esses módulos, embora distintos em seus objetivos, estão profundamente interligados no meu processo de formação, o módulo de Representações, Leituras e Análises Geográficas forneceu a base teórica e metodológica para a leitura e interpretação do espaço, o módulo De Educação, Escolas, Culturas e Sociedades ampliou essa perspectiva ao contextualizar a geografia no ensino, mostrando a importância de relacionar esses conhecimentos com as realidades sociais e culturais dos educandos e o módulo Reconhecimento do litoral complementou essa formação ao permitir que a teoria fosse aplicada diretamente no campo, reforçando a importância da observação e da análise empírica no processo de auto-aprendizagem.

Módulos cursados e atividades do segundo semestre de 2019

Análise geográfica e as inter-relações campo - cidade

Prof. responsável: Luiz Rogério Oliveira da Silva

Pensamos que Cidade é basicamente uma área geográfica de moradia, próximas umas das outras e que de acordo com o tamanho dessas aglomerações humanas também existem espaços culturais, religiosos, industriais, comerciais, instituições educacionais, hospitais etc.

Na cidade as interações sociais podem ocorrer de forma direta ou indireta. Como exemplo de interações indiretas, podemos utilizar como exemplo as relações no trânsito, e como relações diretas as relações construídas por meio da religião, do trabalho, da família etc. Em boa parte das cidades predominam os meios de produção em escalas industriais para alimentar o mercado de consumo, inclusive relacionado à alimentação. Alimentação essa que é produzida pelo campo, ou seja, ele basicamente existe para alimentar a cidade. A maioria das pessoas, não tem esse pensamento, nem se lembram das pessoas que estão lá, produzindo nossa alimentação e sofrendo com a falta de política dos governos para os agricultores familiares e camponeses, o uso de agrotóxicos impostos pelas empresas do agronegócio, as condições precárias de sobrevivência dos trabalhadores rurais, a falta de escola e escolaridade desse povo, já que as elites não têm interesse que esses se aprimorem na educação, são simplesmente vistos como uma massa de manobra.

Usamos o texto de Edward Palmer Thompson, do livro *Costumes em comum*. Thompson foi um historiador inglês que nasceu em 1924 e faleceu em 1993. O texto é uma abordagem cultural e social da história, os costumes e práticas comuns, que via como formas de resistência e solidariedade entre as classes trabalhadoras. Os costumes em comum não eram apenas tradições estáticas, mas também práticas vivas que refletiam a luta de classes e as relações sociais. Muito interessante esse assunto, fala sobre o tempo, desde a época em que não existia o relógio e as horas eram medidas pela natureza e por tarefas, exemplo, às 5h e 30 da manhã, os bois já

foram para o pasto, às 6h as ovelhas eram soltas, às 6h30, o sol nascia e assim por diante.

Os camponeses se orientavam pelas horas das tarefas e havia pouca separação entre o trabalho e a vida, as relações sociais e o trabalho eram integrados.

Quando foi criado o relógio, começou a revolução industrial, os trabalhadores eram obrigados a viver com as horas impostas pelos patrões, e assim trabalhavam muito, com pouco tempo de descanso, tornaram-se escravos das horas.

Do século quatorze em diante, construíram relógios de igreja e relógios públicos.

Toda manhã, às cinco horas, o diretor deve tocar o sino para o início do trabalho, às oito horas para o café da manhã, meia hora só, ao meio dia havia pausa para o almoço de uma hora e às oito horas era o fim do expediente, quando tudo deveria ser trancado.

Compreendo que o relógio veio para os menos abastados trabalharem muito, e assim o capitalismo cada vez aumenta mais seus lucros, ou seja, os pobres trabalham para os ricos cada vez ficarem mais ricos.

Foi um dos livros mais interessantes que li nesse semestre, precisei ler umas três vezes cada capítulo para começar a entender, no começo até me deu um desespero, pois não compreendia nada, aí debatemos cada capítulo na sala de aula e fui pegando o fio da meada.

Assim, ao analisar as características e semelhanças entre os municípios do litoral paranaense, podemos usar a abordagem de Thompson para entender como esses costumes refletem as relações sociais e a história das comunidades locais, além de como eles contribuem para a coesão e resistência cultural frente às transformações econômicas e políticas.

Nesse módulo também fiz meu primeiro planejamento de aula, com exercícios para os alunos. Continuo fazendo meus planejamentos, apesar de tê-los prontos no Educatrom, nem de longe é a mesma coisa, e temos muitos outros assuntos a falar, que não se encontram ali.

Direitos, Justiça social e produção de territórios

Professores responsáveis: Paulo Gaspar Graziola Junior e Ione Maria Aschidamini.

Tivemos uma grata surpresa, conhecemos a dona Maria de Lourdes, que veio nos agradecer com uma roda de conversa muito interessante, sobre hábitos saudáveis.

Contou-nos sua história de vida, como resolveu estudar mais tarde, depois dos filhos criados e como isso mudou o seu pensamento quando se deparou com os treze princípios do Bem Viver, e os tornou seu lema de vida, conversamos sobre o movimento, atividade física, abraçar e caminhar. Todos deveríamos fazer caminhadas de no mínimo quarenta minutos diários. Um abraço bem apertado, encostando coração com coração nos deixa mais felizes.

A importância da meditação também foi abordada. Ela deve ser feita no fim do dia, no começo da noite. Faça uma boa ação. Esvazie a mente de tudo que for negativo, perdoar a todos e a nós mesmos. Aceitação de tudo. Cada indivíduo tem o poder de se curar, liberdade para recobrar a saúde através da compreensão do corpo e de suas necessidades.

Na semana seguinte, marcamos um encontro no LEAL (Laboratório de Estudos sobre alimentação), onde aprendemos a fazer Massala, um tempero terapêutico Indiano. Ela nos explicou o benefício de cada erva que misturamos no processador.

"Que saibamos cuidar da vida...e de tudo o que há dentro dela."(autor desconhecido)

Maria de Lourdes nos deixou essa frase no primeiro dia de nossa conversa, gostei muito da frase e dela.

Convidei um amigo especial para uma roda de conversa, o pescador artesanal, senhor Pedro Machado, que nos contou sobre sua vida, as dificuldades de antigamente, quando ele era uma criança e ajudava os pais a salgar o pescado, pois naquele tempo o peixe era para alimentar as famílias e não tinha muito valor de venda

e sim de troca, e como vinha muita fartura de pescados nas redes, eles salgavam para não perder.

Contou nos como eram os dias com a família, as brincadeiras com irmãos, quando não havia água encanada e tinham poços artesianos e a energia elétrica que era ligada apenas algumas horas por dia, a cidade tinha um único e pequeno gerador.

Falou também como eram feitos os salvamentos de banhistas que vinham conhecer o litoral, que havia um sino no alto da pedra que, quando era tocado, todos corriam para ajudar no salvamento.

Falou também que apesar das dificuldades eram tempos extremamente felizes. Contou-nos como se dava a educação: só havia uma sala de aula, a professora vinha quilômetros a pé para dar aulas e ensiná-los a ler e escrever, como era a saúde naqueles anos, a religião e a cultura caíçara.

Disse-nos também que nos dias de hoje a tecnologia ajuda muito os pescadores, até a achar cardumes de peixes e outras coisas, como os ventos, a maré, quando o mar vai ficar mais remexido. Ele era uma pessoa muito simples e autêntica e nos fez dar boas risadas. Esse meu amigo faleceu no final de 2023, foi uma grande perda para mim, uma pessoa que conheci minha vida inteira e sempre me aconselhou para o caminho certo, com toda a sua experiência de vida. Esse módulo foi marcado por rodas de conversa muito ricas.

Paulo convidou Ariane, menina muito agradável e querida, esposa de um colega de curso, Vitor, para nos apresentar a dança dos povos.

Foi muito bacana, pena que a aula passou rápido demais, dançamos dança contemporânea, xamânica, indígena e celta. Gostaria de ter uma aula de dança com ela pelo menos uma vez por mês.

Foi convidada uma pessoa da religião Umbandista para uma roda de conversa. Nosso colega Vítor também foi convidado, para nos apresentar a religião Hare Krishna e o Santo Daime.

Gostei bastante da Jurema, a mãe de Santo do terreiro, ela nos explicou sobre a doutrina, que usa os mesmos livros do espiritismo, o Evangelho de Allan Kardec. Essa senhora também veio a falecer alguns meses depois, em um acidente muito triste.

Vítor nos apresentou o Bhagavad Gita, que é como se fosse a bíblia do Hare Krishna, o Japamala, que seria como um rosário da religião católica, que é usado para cantar os mantras. Nos contou sobre os Deuses, sobre a mulher de Krishna e trouxe uma foto do mestre dele.

Relatou também suas experiências com o Santo Daime, seita fundada pelo seringueiro maranhense Raimundo Irineu, no Acre, uma bebida enteógena chamada ayahuasca, que é dada aos participantes durante suas cerimônias religiosas.

Mais um espaço que reuniu experiências de educação não formal maravilhoso, foram de extrema importância para o nosso aprendizado.

Caiçarich

Professora responsável: Beatriz Cabral

Esse assunto me interessa muito, o modo de vida dos caiçaras. A cultura caiçara no litoral do Paraná é uma rica manifestação das tradições, costumes e modos de vida das comunidades que vivem nas regiões costeiras desse estado. Os caiçaras são descendentes de Indígenas, europeus (principalmente Portugueses) e Africanos, e sua cultura reflete essa diversidade de influências.

Beatriz nos apresentou e deixou à disposição a coleção do escritor Antônio Carlos Sant'ana Diegues, que ofereceu uma palestra na Universidade Federal Do Paraná setor Litoral no ano de dois mil e quinze. Todos os fascículos são interessantíssimos.

Pesquisamos sobre a alimentação caiçara, os principais alimentos são: peixe, farinha de mandioca e banana. Fazem o peixe seco, após limpar e espalmar, salgar e deixam três a quatro dias no sol.

Os caiçaras apreciam muito o cozido de peixe, que pode ser feito com qualquer espécie como o bagre, a corvina, miraguaia, cavala etc, depois fazem um pirão com farinha de mandioca e o caldo do peixe escaldando a farinha.

Nos empenhamos em procurar sobre as lendas caiçaras, gostei bastante dessa parte, fui conversar com amigos e escrever sobre várias aqui do litoral, tenho todas em meu portfólio do segundo semestre.

Fiz uma apresentação sobre a história do Fandango, antigamente eram chamados os vizinhos de todos os municípios para ajudarem nas colheitas e depois havia o baile do Fandango até o dia raiar.

Fizemos uma roda de conversa no Cabaraquara com o senhor Manoel (Mané Capau), assim conhecido nas comunidades. Ele falou sobre a construção das canoas de um pau só, elas são feitas com um único tronco da árvore, o Garapuvu. Essa árvore é encontrada na mata fechada e nos contou como é difícil os homens trazerem o troco até o local do feitiço da canoa. São necessários vários ajudantes para esse trabalho, mais de oito pessoas e eles vem puxando o tronco até chegar no rio ou no mar para fazer o transporte até a casa do mestre canoeiro. A construção é bem artesanal e demorada, tudo é marcado com fios, bem trabalhoso.

É usado doze linhas, uma para tirar a boca, uma para tirar o fundo, a árvore tem que ser cortada na lua minguante. As ferramentas usadas são machado, goiva e a linha, também como ferramenta. Depois de pronta a canoa, a entrega é comemorada com uma grande festa de fandango.

Fomos à Guaratuba, participamos de uma roda de conversa com pescadores artesanais. A pesca é uma atividade central, realizada com técnicas tradicionais e sustentáveis, participamos de um almoço caiçara que foi tudo de bom.

Fizemos simpósios sobre Unidades de Conservação (UCs), Sambaquis de mais de oitocentos anos, vilarejos de pescadores, cujas famílias já se foram morar em outros lugares e os mais idosos que ali permaneceram, continuam envelhecendo na invisibilidade.

Assuntos e mais assuntos fluindo tão espontaneamente, que tornaram nossos encontros muito importantes, eu não via a hora de chegar quarta feira e sempre percebi todos empolgados com assuntos novos para discutir com o coletivo.

Vou relatar também o encontro com Wanderléa, uma moradora do Cabaraquara, que faz farinha de mandioca artesanal.

Ajudamos a descascar a raiz, ralar, espremer no torno, depois tostar a farinha, peneirar e ensacar por quilo. Isso porque Wanderléa tinha subido o morro sozinha para retirar a mandioca da terra. O que eu acho sensacional nessa Universidade é a chance que ela nos proporciona de experimentar vivências diferentes.

Ela nos recebeu com o maior carinho, fez um bolo de banana e um de mandioca com coco que estava divino, também deixou um feixe de cana que nós mesmos colocamos na máquina de moção e fizemos caldo de cana.

Nunca mais vou reclamar do preço da farinha, é muito trabalhoso para fazer e agora acho barato o valor cobrado.

Educação, Abordagens pedagógicas e Processos de aprendizagem

Prof. responsável: Educador Rodrigo Rosi Mengarelli

A educação, suas abordagens pedagógicas e processos de aprendizagem são fundamentais para o desenvolvimento integral dos indivíduos e da sociedade.

Os objetivos da educação são promover o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico dos alunos, prepará-los para a cidadania e mercado de trabalho e estimular o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de resolução de problemas.

A abordagem pedagógica tradicional, foca no professor como a fonte principal de conhecimento através de métodos expositivos e repetitivos e as avaliações baseadas em provas padronizadas.

Na abordagem construtivista, baseadas nas teorias de Jean Piaget e Lev S. Vygotsky é o protagonista do processo de aprendizagem, com ênfase na construção do conhecimento através da interação com o meio e a resolução de problemas. Na teoria de Vigotski há muita importância do contexto social e cultural na aprendizagem.

Na abordagem Montessoriana a aprendizagem é autodirigida e baseada em atividades práticas, com o ambiente preparado para estimular a curiosidade e independência do aluno.

A abordagem desenvolvida por Rudolf Steiner, a educação holística, integra artes, atividades práticas e intelectuais com ênfase no desenvolvimento emocional e espiritual, além do cognitivo.

Criada por Célestin Freinet, a aprendizagem baseada na cooperação, experiência e produção de conhecimento do aluno, usa técnicas como a imprensa escolar, e faz grande correspondência entre as escolas e trabalhos de campo.

Essas abordagens e processos destacam a importância de um ensino adaptado às necessidades e potencialidades dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva, participativa e significativa.

Em um outro momento, iniciamos uma roda de conversa para levantar a partir de relatos experienciais, quais seriam, para a turma, os elementos que interferem, positiva e negativamente na vida escolar.

Cada educando disse o que gostava e o que não gostava durante sua vida escolar, muitos contaram as humilhações que sofreram de professores e alunos, da distância que percorriam para chegar na escola, de professores que passavam respeito, amor, empatia e felicidade.

Nossa colega Patrícia até chorou ao nos contar que ia para a escola para se alimentar, pois sua família era de origem muito humilde e teve dias que a única refeição foi na escola. Sabemos que isso é uma realidade para muitos estudantes em nosso país.

Assisti um vídeo, “Caminho da escola”, que mostra a dificuldade de alunos chegarem até a escola. Crianças que andam quilômetros na chuva e de madrugada ainda para pegarem a condução.

Fiquei abismada de ver que se a criança está muito molhada não pode entrar na condução.

Fiz uma análise do artigo intitulado “O Fracasso escolar de gênero” de Marília Pinto de Carvalho. O texto tem como objetivo conhecer os processos através dos quais se produz, no ensino fundamental, a evasão e fracasso escolar mais acentuado. Várias pesquisas têm sido feitas ao longo dos anos, através de questionários e entrevistas com profundidade. A identidade racial de meninos e meninas foi construída tendo como referência as características fenotípicas, status sócio-econômico e desempenho escolar. Na década de sessenta, foi constatado que o sexo masculino tinha uma média de 2,4 anos de estudo e o sexo feminino 1,9 anos, isso significava que o acesso a escola era muito mais baixo e ainda pior para as mulheres.

A pesquisa foi repetida em 1999, quarenta anos depois. As médias subiram para 6 anos e ocorreu uma inversão de sexo, apresentado 5,8 anos de estudo para o sexo feminino e 5,6 para o sexo masculino.

Observei que a evasão escolar foi mais acentuada entre alunos negros do sexo masculino, seguidos por alunas negras, homens brancos e em melhor situação, mulheres brancas. Os homens negros obtiveram as notas mais baixas e conceitos negativos. Constatei também que crianças cuja família com renda superior a dez salários mínimos, o rendimento escolar é muito maior comparado àquelas com pais ou famílias com salários menores, ou seja, as crianças do sexo masculino, de cor de pele negra e origem humilde, são as que mais abandonam os estudos.

Este tipo de trabalho é muito importante para nós que iremos nos tornar educadores, a evasão escolar é um tema que está cada vez mais presente no cotidiano da população brasileira.

Outras atividades realizadas na Universidade Seminário

Particpei do seminário Nada sobre nós sem nós - terceiro seminário sobre inclusão, acessibilidade e diversidade da pessoa com deficiência. No primeiro dia, um aluno com paralisia cerebral dançou funk, como se estivesse dublando, achei sensacional.

Havia convidados deficientes para palestrar. Uma aluna indígena surda, outra do curso de Veterinária também com paralisia, a Pâmela, filha da nossa colega de classe Tatiana Ramos, que nos contou da falta de acessibilidade na nossa Universidade e do preconceito que sofre das colegas de classe e até de alguns professores.

No dia seguinte passaram um filme maravilhoso, “Longe da árvore.” De Andrew Solomon. O filme era narrado pelo autor, mostrava diferentes deficiências, um rapaz com síndrome de Down, um encontro anual de anões, onde uma menina descobriu a vida, que não era só ela com nanismo no mundo, e que haviam várias meninas como ela.

Foi de grande importância ter participado nos dois dias de seminário, não costumamos ser solidários com os problemas do próximo. Às vezes por falta de conhecimento mesmo em relação às pessoas com deficiência.

Projeto de Aprendizagem

Mediador: professor Luiz Mestre

O meu projeto inicial foi fazer uma coleção didática sobre os animais marinhos do litoral paranaense. Eu coletava os animais e catalogava todos, guardava os vidros em pastas e minha ideia era apresentar essa coleção para as crianças no contraturno, dar uma aula sobre eles mostrando-os para conhecerem de perto o animal.

Estava tudo correndo bem, já tinha dezoito animais catalogados, mas quando veio a pandemia da Covid-19, tive que suspender tudo, e quando voltamos aos encontros presenciais, não os encontrei mais, o que me deixou muito chateada.

Fiquei muito perdida, achava outro tema, começava e não gostava, até que resolvi fazer uma pesquisa através de registros das conversas com os pescadores artesanais locais sobre os Saberes Tradicionais da Pesca Artesanal, como os sinais da natureza.

O tema que sempre me agradou era tudo relacionado ao passado dos caiçaras. Minha ideia era criar um texto e deixar na colônia, para terem uma memória, para os netos e bisnetos, é claro que eu quero continuar a escrever bem mais, tenho muita vontade de fazer um mestrado com esse tema, a história e suas formas de organização territorial do passado deles, aos poucos vai sendo esquecida.

Síntese do semestre

Compreendemos as relações e interdependências entre as áreas rurais e urbanas, como esses espaços são estruturados e transformados ao longo do tempo, a configuração de redes urbanas que impactam diretamente nas paisagens rurais, as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que vinculam o campo à cidade.

Discutimos como os territórios são moldados por relações de poder, acessos a direitos e questões de justiça social. Exploramos conceitos como territorialidade, segregação espacial, gentrificação e exclusão social, além de debates sobre o direito à cidade e à terra. Desenvolvi uma visão crítica sobre a produção dos territórios e como a distribuição desigual de recursos e oportunidades, reforça a desigualdade social. Como educadora, pretendo formar cidadãos conscientes dos seus direitos e das injustiças socioespaciais.

Esse semestre foi essencial para a compreensão dos diferentes métodos e abordagens pedagógicas, foram discutidas teorias de aprendizagem e suas implicações para o planejamento de aulas e atividades didáticas, enfatizando a importância de uma educação crítica e reflexiva.

Através da análise de práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas, compreendi como o processo de ensino pode ser adaptado às diversas realidades dos alunos.

Essa síntese demonstra a relevância de uma abordagem integrada, na qual a análise geográfica, as questões sociais e a prática pedagógica se complementam

para formar educadores capazes de promover uma educação crítica e transformadora.

Primeiro semestre de 2020

Síntese do semestre

O primeiro ano do curso foi maravilhoso, fiquei muito feliz por ter conseguido acompanhar os demais alunos e estava super empolgada, quando as aulas iniciaram em março de 2020, estava tudo bem, mas logo na segunda semana de aula, começaram a fechar tudo, aeroportos, escolas, comércio, a covid-19 já não era um assunto distante como em dezembro e janeiro, e nossa Universidade também suspendeu as aulas em março de 2020.

Eu não tinha ideia que seria uma semana a mais e já estaria tudo fechado. Foi extremamente triste e frustrante, pensava que seria algo como uma greve, uns 15, no máximo 30 dias, na pior das hipóteses, dois meses.

E a suspensão das aulas prosseguiu pois a pandemia foi intensificada, milhares de pessoas adoecendo e perdendo a vida, eu morrendo de medo que minha mãe adoecesse, pois além de idosa, é nefropata. Fui invadida por um medo muito grande, não saía para fora da porta de casa por nada. Foram quase dois meses assim presa, minha mãe veio de Curitiba para a casa da minha irmã, e eu também fui para lá, ficamos do dia 20 de março até 07 de maio. Aquele medo de sair, recebermos as compras em casa, esterilizando tudo que vinha de fora, os dias foram passando, cada vez mais difícil, pois ficar na casa dos outros não é uma tarefa fácil, começaram os desentendimentos, o medo, a angústia e a intolerância tomaram conta do meu ser. Meu bruxismo aumentou, acordava com dores fortes na mandíbula, o estômago também começou a ficar debilitado. Começaram as mortes de conhecidos, depois amigos, não cheguei a perder nenhum parente próximo.

No dia 07 de maio, foi o aniversário da minha mãe, eu e minha irmã tivemos uma discussão grande e eu voltei para minha casa, eu e minha filha de quatro patas.

Mas foi bom, fiquei sozinha aqui, refleti, aproveitei para ler, brincar com minha cachorra (minha companheira), fiz leituras e longas caminhadas com máscara.

Algum dias depois minha mãe veio para ficar comigo. Engraçado, parece que aquele ano e meio não existiu, estou falando por causa das lembranças, que são poucas. Era só medo, eu acho estranho que li alguns livros e nem me lembro direito, foi um acontecimento muito traumatizante, e os dias foram passando, cientistas unidos em busca de uma vacina para imunização e era só essa a esperança.

segundo semestre de 2020

Síntese do semestre

Nesse semestre em foi decidido que seria disponibilizado o ensino remoto emergencial (ERE). Avalio que esse modelo de ensino compromete a qualidade da aprendizagem, mas eu fiz minha matrícula em uma ICH de Yoga, começamos no dia 04/11/2020, com o professor Paulo e a professora Ione. Não via a hora de conversar com outras pessoas, meus colegas de curso e professores e foi ótimo para mim, pois o yoga me ajudou em questões de relaxamento, oferece uma ampla gama de benefícios para o corpo e mente. Aprendi sobre o Yamas, princípios éticos e morais que guiam a conduta social e pessoal. Os encontros foram oferecidos nas quartas-feiras, e no final tínhamos um relaxamento, foi muito importante nesse período difícil.

No ano seguinte, em 2021, de maio a agosto, foram disponibilizados alguns módulos, eu me matriculei em todos que foram possíveis, tentei me dedicar o máximo possível e não perdi nenhum encontro das minhas turmas.

Primeiro semestre de 2021

Educação Geográfica

Professores responsáveis: Felipe Vanhoni, Marco Aurélio Zanlorenzi e Neusa M. Tauscheck

As aulas remotas começaram e como falei anteriormente, no ensino remoto não se tem espaço para muito diálogo, então é só nosso modo de compreensão, sem muita troca de opiniões.

Neste módulo, tive a perspectiva de entender o ensino de como ser um educador geográfico. Um módulo muito importante e rico.

Começamos o primeiro encontro nos apresentando e contando um pouco de como foi nossa jornada escolar, o que nós lembramos e o que nos marcou de certa forma, nas aulas de geografia.

Foi muito interessante ouvir os relatos dos colegas, o que cada um tem guardado na memória. Eu, de imediato lembrei do meu querido professor Félix, um senhor já com uma certa idade, muito alto e magro que sempre trazia os livros em uma das mãos e o guarda-chuva na outra. Usava um chapéu e tinha um bigode comprido, parecia um senhor do século passado.

Gostava de desenhar no quadro-negro, fazia os planetas, os mapas e contava muitas histórias. Eu esperava ansiosamente por aquelas aulas, me fazia viajar pelo mundo. Acho que o amor que tenho pela geografia, veio das aulas desse senhor tão querido.

Guardei também a lembrança da Neusa, cujo tio lhe mostrava muitos mapas e ela adorava. Havia o professor Plínio, muito chato e só falava que tudo na Europa era melhor... rsrsrs.

Citaram outro educador que dava sempre a mesma aula, do mesmo modo e fazia as mesmas falas, sem carregar nada de material. Aula memorizada. A maioria fazia ditados, provas orais e principalmente mandava desenhar mapas.

Mais ou menos em 1998, os estudantes começaram a conhecer a internet e o Google, o que veio mudar o mundo.

Antigamente eu ia à biblioteca consultar livros e enciclopédias para fazer os trabalhos escolares. Agora podemos ver tudo, conhecer todos os lugares, através dessa ferramenta de busca.

Neusa nos leu um texto, "O que fica na memória", de Bráulio Tavares. Sobre aprendizados que nos foram impostos e que não iriam fazer diferença em nossas

vidas, dependendo do que iríamos estudar no futuro, como por exemplo, se eu resolvesse estudar Geografia, por que eu teria que decorar a tabela periódica dos elementos? Passávamos a noite toda decorando, para a prova no dia seguinte. Alguns dias depois, de certa forma, nem eram lembrados. Esses conhecimentos ficaram guardados, lá no fundo da nossa memória. Se um dia precisarmos estará lá.

Foi apresentado um quadro da TV Pirata, um programa que passava semanalmente na Rede Globo. Um personagem tinha que citar todos os afluentes das margens esquerda e direita do rio Amazonas. O engraçado é que decorei isso também, e ainda por cima caiu em uma questão no primeiro vestibular que fiz na vida. Acertei, né. Passaram os anos e eu nunca me interessei em ao menos conhecê-los, quando comecei a cursar Geografia, tive interesse por eles, comecei a me interessar como são, ver fotos, como é a vida dos ribeirinhos, as disputas por terras e como vivem, se da pesca, agricultura ou artesanato local.

Exatamente como foi falado, o curso nos ajudou a ver a Geografia de outro modo. Falamos sobre a utilidade da Geografia no conhecimento para nossa vida.

Para que serve a escola, qual o papel dela. O conhecimento é preciso em qualquer tipo de área, utilizamos para ler o mundo, olhar a realidade que nos cerca. O papel da escola, se não formar para a sociedade que está aí, é para o educando compreender sua realidade ou transformá-la. Formar para o mundo do trabalho, ele tem que perceber aonde ele está inserido, tem que trabalhar para ganhar a vida, se sustentar. Estamos inseridos no mundo capitalista, compreendendo sua realidade, ele decide.

Para mim é gratificante lidar com esses temas como a importância da geografia, eu nunca havia pensado no papel da geografia em termos de disputas sociais, terras e territórios, espaços geográficos, povos originários.

Realmente era memorização de estados e capitais, hidrografia, os rios mais conhecidos, relevo, clima e desenhos de mapa. Todos tínhamos um livrinho que se chamava “desenhocop”, passávamos por cima no papel e pintávamos bem lindo, rsrs.

Com o passar dos anos, alguns professores foram mudando, abrindo mais a mente, ainda bem que meus colegas mais novos já aprenderam diferente de como aprendi. Qual a importância da Geografia, o que esperamos? Qual o papel dela como

componente curricular, disciplinas e ciência. Foi abordado sobre o ethos do educador geográfico, que se refere ao conjunto dos costumes e hábitos fundamentais no âmbito do comportamento e da cultura. Algo filosófico.

Ethos do professor

A arte ou função de ensinar é bem anterior à criação de locais e/ou instituições com essa finalidade. Desde que os grupos humanos surgiram neste planeta, eles se desenvolveram, adaptaram-se ao ambiente e evoluíram através de suas observações e experiências vividas, mas sabemos que foi após eles viverem em comunidade que suas aprendizagens ocorreram com grande eficácia. Diante deste fenômeno, surge o papel de professor. Em grande parte da história da educação, verifica-se que o professor era considerado como o detentor de todo o saber, sem se preocupar com o conhecimento empírico que seu aluno trazia, inclusive a palavra aluno, derivada do latim, significa sem luz, ou seja, um discípulo.

Atualmente, com uma preocupação maior com a educação, sem esquecer de tudo que temos sobre ela ao longo da humanidade, esse significado para o aluno, não tem mais relevância. As crianças, os adolescentes, jovens e adultos, trazem seus conhecimentos e, junto com os professores e o conhecimento histórico e geográfico destes, realizam sua aprendizagem, sendo possível concluir que, dentro desta dinâmica, o professor também aprende, a exemplo das novas informações.

Então, o ethos do professor, principalmente no momento em que vivemos, significa não considerar somente o currículo formal, mas aquele que o educando traz consigo, integrando os dois conhecimentos do estudante e da universidade através de um currículo que permeia oportunidades de relacioná-los e vivenciá-los. Considera a história de seus antepassados, cultura trazida pelos povos que aqui viviam quando da colonização e dos colonizadores, dos lugares para sua exploração e assim oportunizar uma aprendizagem completa e significativa para a compreensão crítica da realidade.

Organizar e realizar a mediação de um diálogo vivo com a comunidade educativa, transcende o espaço da escola pode auxiliar no desenvolvendo modos de viver, de forma sustentável, garantindo o direito de todos e, tendo como objetivo

principal, a melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos no processo e da comunidade que estão inseridos.

A educação é permeada por diferentes convicções, ideologias e valores. O ato de ensinar não é somente transmitir o conhecimento, transmitimos preceitos e princípios. E se partimos da ideia que o ensino e a aprendizagem devem também levar em consideração as percepções individuais e coletivas, isso também nos dá ideia que não existe uma educação neutra. E mesmo que essa palavra não exista, pode ser questionada a busca pela neutralidade, que esbarra justamente nessas possibilidades.

O educador é um ser político.

Conversamos sobre a importância das saídas de campo, as disciplinas de biologia e química necessitam de um laboratório para aprofundar seus estudos, a Geografia também precisa, não só uma sala temática, mas um laboratório, dentro de uma perspectiva de saída de campo e trabalho de campo, todas as instituições de ensino, públicas ou privadas tem aquela ideia de ficar dentro dos limites da sala de aula e da escola, mesmo que isso seja virtual. O trabalho de campo é essencial, faz com que os educandos percebam alguns limites. A saída de campo incentiva, aguça a percepção das crianças e dos jovens. Trabalho de campo é luta nas escolas, as saídas não precisam ser propriamente uma viagem, curta ou longa, mesmo ao entorno da escola já abre muitas possibilidades de ensino da geografia, traz a ideia de sentimento de pertencimento.

ICH Yoga

Professores responsáveis: Ione M. Aschidamini e Paulo Graziola Junior

Essa foi a continuação da primeira, aquela que eu fiz no ERE, ainda em forma remota.

Os educadores Paulo e Ione nos apresentaram a Dinacharia, as rotinas diárias que precisam ser feitas para melhorar nossa saúde. Cada indivíduo tem o poder de se curar, a liberdade para recobrar a saúde através da compreensão do corpo e de suas necessidades.

Também conhecemos a ayurveda, ciência da vida e longevidade. Não trata a doença e sim a causa.

Yoga é uma ciência que une o ser individual com o ser universal, expande a personalidade egoísta para a consciência da felicidade. O objetivo de ambas é desenvolver os níveis físicos, mentais, intelectuais, emocionais e espirituais dos seres humanos.

Doshas são compostos pelos cinco elementos: éter, ar, fogo, água e terra e se manifestam no corpo humano, cada qual com suas potencialidades e desequilíbrios.

Kapha (éter e ar), Pitta (fogo e água), Vata (água e terra). As características de cada um, conversamos sobre cada educando, o Paulo falou que eu sou Pitta.

Foram vários encontros com essas aulas muito interessantes, não posso narrar tudo, pois ficaria muito longo, para mim foi importante conhecer um pouco sobre Yoga, eu pensava que eram mais exercícios, Asanas, mas a quantidade de cuidados com o corpo e mente são diversos.

Sempre no final, a lona dava um relaxamento, acredito que tenha tido muito benefício para nós todos, aliviava a tensão causada pela pandemia.

Introdução ao estudo da língua brasileira de sinais - Libras

Professora responsável: Patrícia Schelp

Esse foi um módulo muito difícil, eu não aprendi quase nada, a professora tinha muita dificuldade com a internet na casa dela, e quase não deu aulas.

Se eu tive umas cinco, foram muitas.

Ela deixava exercícios no Moodle, eu lia e fazia. Avaliou o módulo com uma receita em libras. Sei que libras é muito importante para um educador, eu tinha a intenção de repetir esse módulo, mas acabei não repetindo até agora, sei que preciso.

Nos poucos encontros, falamos sobre o oralismo, ele surgiu no século 18, a partir das resoluções do Congresso de Milão (1880).

Na época, a língua de sinais foi oficialmente proibida nas escolas e a comunidade surda foi excluída da política e instituições de ensino.

Essa proposta pretendia que os surdos fossem reabilitados ou normalizados, pois a surdez era considerada uma patologia, uma anormalidade. Os surdos deveriam se comportar como se ouvissem, ou seja, deveriam aprender a falar.

A oralização foi imposta a fim de que eles fossem aceitos socialmente, como nem todos eram capazes de desenvolver a oralidade, muito eram excluídos da possibilidade educativa e do meio social, portanto, a maioria dos surdos vivia de forma clandestina.

Para os oralistas, a linguagem falada é prioritária como forma de comunicação dos surdos, sendo indispensável para o desenvolvimento integral das crianças.

Sinais e alfabeto digitais eram proibidos, recomendava-se que a comunicação fosse feita pela via auditiva e pela leitura orofacial.

Por quase um século essa abordagem não foi questionada, embora a maioria dos surdos profundos não desenvolvessem a fala satisfatoriamente, conforme exigido pelos ouvintes.

Essa filosofia educacional desencadeou um atraso global no desenvolvimento, que resultava em falta de estímulo e evasão escolar das pessoas surdas. Os alunos frequentavam a escola mais para aprender a falar do que propriamente para aprender os conteúdos escolares.

Acredito que causava muita pressão e estresse nas crianças, ainda bem que essa visão foi superada.

Em abril de 2022, visitamos a Escola Bilíngue para surdos Nydia Moreira Garcez, em Paranaguá. A escola é uma ONG (Organização Não-Governamental) conveniada com o Estado e o Município. A escola tem aproximadamente 40 estudantes surdos, desde a educação Infantil até o 5º ano do ensino fundamental.

A escola tem também o contraturno escolar para as crianças que vão para o 6º ano em outras instituições escolares. Assim, funciona como reforço escolar para LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e Língua Portuguesa. Além disso, a escola oferta

curso gratuitos para a família dos estudantes surdos. É ótimo isso, família e escola conectadas. As crianças fizeram apresentações para nossa turma e as professoras surdas nos explicaram sobre as expressões faciais e corporais usadas juntamente com as mãos durante as conversas em libras.

Resiliências e (RE) Existências planetárias dos Povos Originários

Professora responsável: Carolina Datria Schulze

Quando me foi feita a pergunta sobre o que eu havia pensado do título do módulo, imediatamente pensei nos povos indígenas, a força que eles têm de reexistir, se reorganizar, se colocar.

Apesar de centenas de anos de contato com a sociedade não indígena e enfrentando o roubo (espoliação) e a invasão de suas terras, a maioria dos povos indígenas lutaram e tem lutado para manter sua língua e seus costumes.

Durante toda a minha vida, eu só ouvi falar dos índios, nunca me importando com os conflitos que os atingiam, era somente o que eu via na televisão.

Somente quando comecei a cursar Geografia é que passei a entender esses conflitos. Quando trabalhamos com as minorias sociais e políticas, podemos fazer a diferença para esse país.

Temos que aprender com os povos originários a resistir e persistir, ter respeito pela ancestralidade. Em todos os momentos históricos os povos indígenas estão resistindo, se recolocando. A força dos povos originários é uma coisa muito distante da gente, a força como eles se reúnem, como conduzem esses momentos, principalmente agora, nesse momento complexo, político, de escassez em todas as áreas.

A geografia quando se encontra com a antropologia e outras ciências, existe uma potência que é algo incrível. É a verdadeira força.

Assisti ao documentário “Falas da Terra”, que foi produzido por indígenas, ele veio trazer uma nova visão do que é ser indígena no Brasil. Eles querem que as

peessoas os vejam como são agora, e não um índio dos livros do passado. Não ficam o dia inteiro rezando e cantando, eles trabalham, estudam e criam os filhos.

A importância desse documentário é mostrar para a sociedade que os povos indígenas estão em todos os lugares.

Médicos, advogados, a primeira mulher pajé, caciques. No século XXI, eles podem ser o que quiserem.

Aborda as lutas, o amor, as Resistências e as Resiliências.

Conforme vou construindo esse memorial, penso em toda minha vida escolar, em como nunca foi me contado assim como é a história. Também de todas as pessoas que estavam à minha volta, não se importarem com esses assuntos. De certa forma, me sinto culpada por nunca ter me importado.

Li um artigo muito interessante sobre O tambor e o território na educação escolar quilombola. Aborda como o percurso e a trajetória de uma comunidade quilombola pode compor as possibilidades e o fortalecimento de uma educação geográfica quilombola pelo território.

O Quilombo dos Alpes fica em Porto Alegre, RS. A religião africana relaciona suas divindades com as forças da natureza. O tambor determina as expressões corporais nos jogos de capoeira e também como forma de linguagem e comunicação pelos tambores no tempo da escravatura.

Na questão quilombola, a visão do mundo também é pautada pela religião. É importante como educadores conhecermos todas as religiões.

A língua originária dos indígenas é muito excluída, é muito difícil para eles que estudam em escolas tradicionais, nos solidarizamos com a dor deles, mas jamais iremos sentir o que eles sentem. É importante termos essa noção, cada dor é única. Somos invasores do território alheio, nós é que não temos território nosso.

Eles são privilegiados por terem essa conexão com a natureza. Eles não sentem rancor dos homens brancos, nem mesmo quando os portugueses chegaram e dominaram tudo.

Os povos originários nos trazem essa questão da apropriação urbana das ideias dos povos das florestas, de viver em comunidade, do seu pertencimento.

Os políticos querem que os pobres e os índios não tenham o mínimo de conhecimento. Eles querem respeito, pois são os verdadeiros donos do Brasil.

Estão cansados de resistir, querem existir!!!

Síntese do semestre

Conforme já havia falado acima, esse método de ensino remoto, para mim é muito dificultoso, mais a escuta. Os professores abordaram diferentes didáticas e metodologias para ensinar conceitos geográficos de maneira que os educandos compreendam a relação entre o espaço e suas próprias experiências de vida, Aprendi a importância de relacionar conteúdos teóricos à realidade cotidiana dos educandos.

O estudo da história e das práticas da resistência dos povos originários foi central para a compreensão das lutas por território e identidade no contexto brasileiro e global. As práticas de resiliência cultural, ambiental e política das populações indígenas e tradicionais, destacando suas estratégias de sobrevivência diante de processos coloniais e capitalistas, compreendi como esses povos resistem à expropriação e à marginalização e como seus saberes e práticas podem oferecer alternativas ao desenvolvimento sustentável. Esse conhecimento reforça a importância de uma educação geográfica que valorize a diversidade cultural e o reconhecimento dos direitos territoriais desses povos.

Esses módulos se complementam ao longo da formação, fornecendo uma compreensão crítica e integrada da geografia. O módulo de Educação Geográfica estabelece as bases para ensinar geografia de forma conectada à realidade e à diversidade de experiências dos educandos, enquanto o módulo sobre Resiliência e Existência dos Povos Originários aprofunda o reconhecimento da pluralidade de culturas e formas de resistência ao longo do tempo, propondo uma abordagem geográfica que valoriza os saberes ancestrais e tradicionais.

Segundo semestre de 2021

Compreensão do sistema mundo I

Professor responsável: Felipe Vanhoni Jorge

O sistema mundial refere-se à rede global de relações políticas, econômicas, sociais e culturais que ligam diferentes partes do mundo. Esta teoria foi popularizada por Immanuel Wallerstein, que propôs que o sistema mundial fosse composto por um núcleo: países desenvolvidos, uma semi-periferia - países em desenvolvimento e uma periferia - países subdesenvolvidos. A dinâmica entre esses três grupos molda a economia global e a distribuição de riqueza e poder.

A geoeconomia se concentra na interseção entre economia e geopolítica, analisando como fatores econômicos influenciam a política global e vice versa. Este campo estuda como os estados utilizam ferramentas econômicas para alcançar objetivos políticos. A geoeconomia também examina a competição por recursos naturais, infraestrutura e tecnologia.

Eu aqui escrevendo meu memorial, vejo a diferença de escrever sobre essa época, era mais conteúdo, sem poder debater muito, pois eram muitos educandos e se cada um ficasse conversando, a aula não rendia nada, e também eram mais curtas, mas agradeço muito por tudo o que o professor Felipe nos passou, aprendi bastante com ele, sua calma e tranquilidade, ajudou a superar meus medos nesse período.

Fundamentos e estrutura da Educação

Professores responsáveis: Marco Aurelio Zanlorenzi e Erick E. M. Melzer

Começamos com uma mística do Paulo Freire, sobre adaptação do ser humano e sua inserção no mundo. O professor Zan usa sempre uma mística, conforme falei acima, gosto disso, nos faz refletir. Na adaptação há uma adequação, um ajuste do corpo às condições naturais, históricas, geográficas, sociais, climáticas etc.

Na inserção, o que há é a tomada de decisão no sentido da intervenção do mundo. Nenhuma realidade é assim mesmo, está submetida a possibilidade da nossa intervenção nela.

Conversamos sobre as horas que teríamos e a perda, trabalharemos quatro meses em dois, perderemos quarenta e cinco horas de saídas de campo.

Muito triste essa realidade.

O objetivo geral deste módulo foi trabalhar a compreensão da estrutura e funcionamento do sistema educacional brasileiro a partir do contexto histórico e político.

Os objetivos específicos são compreender criticamente o desenvolvimento das ideias pedagógicas no Brasil a partir dos seus marcos legais e contexto sócio político.

De uma maneira geral, o que os autores irão colocar, que o Estado nasce como uma entidade que foge ao contexto com a vida em sociedade, que é esse homem em estado natureza.

Não podemos falar de Estado sem falar em democracia. O Brasil é uma república federativa, o que significa que é composto por várias unidades autônomas, os estados, que têm seus próprios governos e leis, mas também estão subordinados à Constituição Federal. Essa estrutura é um dos pilares da democracia brasileira, permitindo a descentralização do poder e a representação regional.

Estrutura do Estado brasileiro:

Executivo: executa, propõe.

Judiciário: define as leis, formado pelo Supremo Tribunal Federal; Tribunal Regional do Trabalho; Tribunal Regional Federal; Ministério Público.

Legislativo: nossa câmara, senado, que criam e aprovam as leis.

As populações quilombolas, indígenas e rurais no Brasil, enfrentam desafios significativos em diversas áreas, especialmente na educação, esses grupos são os mais afetados por desigualdades e falta de acesso a recursos essenciais, para

enfrentar essas desigualdades, é necessário um esforço conjunto do governo, da sociedade civil e das comunidades afetadas. Somente através de políticas inclusivas e ações concretas é que será possível garantir uma educação de qualidade, promovendo assim a justiça social e igualdade de oportunidades.

Fomos agraciados com uma aula da professora Desiré Luciane Dominschek, professora da formação em linha reta, magistério, Instituto de Educação do Paraná.

Formada na década de 90, pedagoga e historiadora pela Unicamp. Fez Mestrado em História da educação e doutorado na Universidade Estadual de Campinas.

Foi professora alfabetizadora no município de Curitiba por mais de 10 anos, estudou as escolas do Senai no Paraná, convidada para nossa roda de conversa pois utiliza e é muito conhecedora dos livros de Dermeval Saviani, o qual iremos ler neste módulo. Histórias das ideias pedagógicas.

Poucos cursos de formação consideram as leituras, no qual, ela acha primordial para um bom aprendizado os livros de Saviani.

Professor emérito da Unicamp, no século XX e XXI, esteve à frente de muitas organizações das legislações, sempre esteve à frente desses debates.

Conversamos sobre a aula da professora Desirée, foi muito bacana e proveitosa. Eu não conhecia Demerval Saviani, conheci através dessa roda de conversa.

Alguns alunos acharam muita informação para apenas uma aula, mas concordamos que foi de grande valia para o nosso crescimento.

Foi falado bastante sobre as ideias pedagógicas no Brasil, escola e democracia, as bases pedagógicas para a construção do PPP, de que forma deve ser construído um projeto político pedagógico de uma escola, quais são as bases e referências que o PPP deve seguir.

Conversamos também sobre escolas tradicionais e abordagens tecnológicas. Estamos entrando num período em que a tecnologia tem que ser usada em sala de aula.

“ Hobbes - Leviatã, o homem vive em constante estado de guerra.”

O Território Brasileiro na Contemporaneidade

Professor responsável: André E. Borges

Esse módulo foi complicado para mim e sei que também para os meus colegas de turma, nunca vi o professor André, pois não abriu as câmeras nenhum dia sequer, fui ver quem era em um dia que ele estava na Universidade em 2022. Se já era difícil ter aulas online imagine sem conhecer a pessoa, ele é bastante inteligente, não nego, quando estava disposto a dar aula, os assuntos eram ricos, mas a maioria dos dias só falava coisas nada a ver, principalmente sobre conspirações absurdas contra sua pessoa, vindas de seus colegas de trabalho, de professores que eu gostava muito e eu ficava irritadíssima, várias vezes saí da sala virtual, então vou narrar algumas poucas coisas que guardei.

Antropologia e geografia são contemporâneas. Formas de ver qualquer coisa, forma de analisar qualquer conteúdo ou formas de contar o mundo.

Professor André nos contou sobre a Universidade de Antioquia, cada semestre é cursado em um continente, imagine que bacana isso, viajei nisso.

Falamos sobre o catolicismo, de como a igreja católica é organizada em diversas ordens: Franciscanos, Jesuítas, Maristas, Passionistas.

Os Franciscanos e Jesuítas vieram primeiro, após os Maristas e Passionistas, e aí foram desdobrando as ordens que existem até hoje.

Segundo o autor anarquista, os reis e as rainhas são os descendentes originais de Adão e Eva. Por isso eles têm o poder de governar. É passado de geração em geração, aos descendentes originais. Isso quem diz é um cardeal da igreja. A educação está ligada com a igreja. O nascimento da Universidade nasce do trabalho dos papiloscopistas na Europa, dentro dos mosteiros que copiavam os textos de conhecimentos clássicos. O filme *O nome da Rosa* foi inspirado nessa época.

No começo as ordens eram todas jesuíticas, religiosas, não existiam leis. Não havia Estado, as colônias existiam a partir da coroa e não podiam ter vida própria. Os estudos superiores eram feitos somente na Universidade de Coimbra pela elite.

A formação que era oferecida, Direito Canônico, não era interessante ter uma universidade na colônia. Direito do papel, a raiz do vestibular.

Os jesuítas adequaram o povo que estava aqui com a cultura deles, a cultura do povo local não era importante para eles.

A religião nunca esteve em disputa com o capitalismo, na verdade ela se usa do capitalismo para enriquecer. A idade média é a época em que a igreja católica se enriquece na história. A Igreja católica apostólica romana, Vaticano, a igreja do Papa, esse período constrói templos grandiosos. Naquela época o Papa vivia no maior luxo, aliás, continua assim, louças e talheres banhados a ouro. A igreja católica nunca foi contra o capitalismo.

A coroa não deixava ninguém estudar, proibia a tipografia, ideias vindas da Europa, a pessoa era considerada pagão, bruxa etc.

Os Jesuítas criaram uma técnica de transformação social, ensinam a ser críticos, inclusive com eles mesmos.

Os indígenas estão em um grupo minoritário, super segregados, inclusive na interpretação do processo histórico do Brasil. Viviam aqui e foram desagregados e mortos. Os portugueses que invadiram suas terras. Nos mapas guaranis, eles colocam árvores específicas, animais, rios, quais os peixes e animais próximos desses rios, que bacana isso, vou pesquisar para ver.

Revolta dos Malês na Bahia, ocorrida em Salvador, em 1835, foi o maior levante dos escravizados da história do Brasil, negros, árabes e muçulmanos.

Capitanias Hereditárias, todo sistema jurídico e político se refaz até os dias de hoje, as mesmas famílias, em todos os estados, é só prestar atenção nas épocas de eleição, sempre com os mesmos sobrenomes.

A república veio de um golpe, Rui Barbosa, apagaram todos os registros, as lembranças, queimaram tudo dos escravos.

A vinda dos imigrantes para assumir os trabalhos, os negros se libertaram e ficaram ao deus dará.

A casa da moeda já tinha no período imperial, o dinheiro ao invés de ser usado na reforma agrária, foi usado na compra de ações do mercado estrangeiro. A nobreza do império se tornou nos Republicanos, formaram oligarquias, coronelados e pistolagem. Eles não saíram do poder nunca mais.

O grande golpe foi esse, os militares deram o poder para essas famílias. o voto das mulheres só foi possível em 1940, com o golpe de Getúlio Vargas.

Os portugueses criaram o registro de imóveis para se apossar das terras dos tupinambás.

ICH:Geocine: Cinema, Geografia e Educação

Professora responsável: Carolina Datria Schulze

Essa ICH que escolhi foi também muito construtiva, assuntos diversos foram abordados que, hoje entendo, o real significado dos porquês foram propostos.

Assistimos vários filmes que foram debatidos. Segue a lista dos mesmos com reflexões que fiz à época. “Um lugar ao sol “, de Daniel Mascaro, 2006.

O filme aborda algumas famílias que moravam em coberturas em três cidades, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os proprietários são da elite, de pessoas influentes no Brasil, foram encontradas 125 coberturas, mas só 9 concordaram em fazer a entrevista.

O documentário registra o cotidiano dos moradores de coberturas em prédios luxuosos nessas três cidades.

Através de depoimentos e entrevistas, o documentário procura capturar o modo de vida de pessoas que, do topo de prédios elegantes, desfrutam de uma

realidade inegavelmente privilegiada em relação à grande maioria dos brasileiros. O documentário levanta questões importantes como, por exemplo, o direito à cidade e a sua socialização.

Fiquei chocada com alguns depoimentos, uma moradora fala rindo, sobre o tiroteio do morro da Marta, tirando sarro que ela vê fogos diariamente, falando que está longe, porque está no alto, só observa as coisas que acontecem e ouve.

Outra moradora disse que gosta muito da cobertura ser grande pois não houve o barulho das panelas, que ela fica irritada com isso, só faltou falar que não gosta de ficar perto da senzala.

Uma senhora francesa nos contou de sua fazenda, que os brasileiros são preguiçosos, mal educados, não gostam muito do trabalho, não plantam nada, no país dela, qualquer pedaço de terra o pessoal planta, cultiva algo.

O dono de uma casa noturna, Bahamas Club, fiquei assustada com algumas coisas que ele falou: poder é um prazer muito bom. Algumas falas me marcaram como “Nós somos responsáveis por esse mundo, somos responsáveis por deixar quem lidera ser incompetente na liderança”.

Conversamos sobre a engorda da praia do Balneário de Camboriú, como isso repercutiu no meio ambiente, foram encontrados muitos animais marinhos mortos. Logo depois foi a nossa vez, era impossível andar na beira mar, muito triste essa engorda.

A professora Carolina nos indicou muitos documentários bons, “A terra é plana”, “Que horas ela volta”, “Paralelo 10”, o filme Aquarius com a atriz Sonia Braga.

O documentário “A ilha das flores”, clássico dos professores de Geografia.

A mística, “O Andarilho”, de Nemércio de Moura, gostei muito, lindo.

Documentário “Doméstica”, de Gabriel Mascaro, produzido no ano de 2012, pelo cineasta pernambucano.

Sete jovens fizeram o registro do dia a dia de suas empregadas domésticas. Os jovens têm histórias, laços familiares com elas, muitas estão trabalhando há anos com as famílias. Algumas delas eram muito jovens quando

começaram a servir os patrões, e ajudaram na criação de alguns desses jovens. As que moram com as famílias têm que estar disponíveis a qualquer momento, do dia ou da noite. Assistindo o documentário, lembramos muito de casa grande e senzala, algumas vieram das propriedades rurais da família dos patrões, ficando muito evidente a reprodução da relação entre o senhor e o servo. Uma delas estava cuidando do joelho da avó de um do jovem, sem ir para casa há três meses, os últimos três meses de vida da tia dela, ela ficou muito triste por não poder se despedir do ente querido. Escravidão, três meses para cuidar da pessoa que não é da sua família, ela nem ganhou extra para isso. Deveriam ter contratado uma cuidadora. Uma delas nunca havia sentado à mesa com o patrão, ela sonhou que estava à mesa, isso me doeu. Um senhor que trabalha de doméstico, a patroa falou das coisas boas que fez para ele, como se fosse um grande favor, e o que ele faz para ela e a família não conta?

As relações de trabalho são colocadas como de amor familiar. Mas é relação de servidão, exploração e desumanização? A relação escravocrata continua e o que separa senhores de escravos não são correntes, mas um sistema em que para alguns terem privilégios, outros, precisam ter seus direitos básicos negados.

“Estamira”, dirigido por Marcos Prado, lançado em 2005.

Foi ambientado no Aterro Metropolitano de Gramacho. Esse documentário mexeu muito comigo, pois apresentou uma mulher forte, de fibra e muito inteligente.

As frases dela são inesquecíveis, mas como a professora conversou, temos que ver várias vezes, cada vez vamos percebendo mais e mais sua força:

“Deus não nos ensinou a humilhar, ele ensinou a ajudar.”

“As pessoas têm que prestar atenção no que elas têm.”

“Para mim, tudo o que nasce é natal.”

Adorei essas falas e muitas outras. Estamira é uma grande filósofa, seu pensamento lembra muito Nietzsche. Ela é uma senhora que trabalha no lixão, e tem muita gratidão por isso, diz que todos precisamos dela e dos outros, que o trabalho do lixão é imprescindível. Mora em Campo Grande, uma favela no Rio de Janeiro. Antigamente vivia bem com a família, filhos (Hernani e Carolina), eles tinham carros,

as crianças tinham brinquedos, bicicleta, mas o marido judiava muito dela, muita traição, trazia mulheres até para dentro de casa. Então ela resolveu ir embora e parar de ser escoraçada pelo marido. Diz que de lá para cá, a vida virou isso. Sofreu desde pequena, aos nove anos seu avô já a deixou em um bordel. Foi estuprada duas vezes, uma vez em Campo Grande e a segunda na rua onde mora, conta que o estuprador fez tudo que queria, de todas as formas.

“Vocês não aprendem na escola, lá vocês copiam, vocês aprendem com as ocorrências, ir na escola é copiar hipocrisias, mentiras e chantagens.”

Estamira teve um surto de esquizofrenia, começou com mania de perseguição, precisou ser internada. Conta que a médica lhe passou um remédio para raiva. “Ela veio só com uma conversinha e copiou o nome Diazepam na receita, esse remédio é para dopar as pessoas”. O pai de Estamira estuprou a mãe dela e abusou também dela.

O que mais faz falta na vida dela é a mãe, teve que deixá-la em um hospital psiquiátrico, deram choque e teve que ver a mãe com o braço todo roxo, assim que ela se separou do italiano, foi buscar a mãe no hospício e viveu com ela até seu falecimento.

Teve mais uma filha, Maria Rita, que foi entregue para uma família cuidar. A menina acha que a mãe deveria ter criado ela, ficou muito tempo sem vê-la, quando a reencontrou teve medo. Dá muita tristeza, desolação, ver tamanha exclusão social neste mundo.

Infelizmente Estamira já faleceu, ficou aguardando atendimento em uma fila de hospital.

Marighella , documentário de Isa Grinspum Ferraz, ano?

O pai de Marighella, Augusto, vem da Itália, Sicília, casou-se com Maria Rita, descendentes dos negros Malês, que fizeram grandes revoluções negras na Bahia, tiveram oito filhos, nasceu Carlos Marighella, extremamente corajoso e valente. Foi casado com Clara Charf, inimigo número um da ditadura militar, em 1969 foi assassinado em uma rua de São Paulo, viveu quase quarenta anos clandestino, sem deixar pistas. Ser comunista é aderir a uma causa profunda, ser comunista é ser de

esquerda. Foi preso pela ditadura militar, torturado por sete anos, levou murros, pontapés, foi queimado com brasa de cigarro, furado embaixo das unhas, pelos alfinetes das roupas dos militares.

Carlos Marighella e seus companheiros, faziam a foice e o martelo de cartolina, para pendurar nos postes. De madrugada ninguém viu, de manhã o povo comentava; “O comunismo chegou na Bahia”. Muito revoltado com a injustiça social, não admitia crianças terem que trabalhar para comer. Lutava pelo direito das pessoas. Marighella é a expressão mulata, bonita, do povo baiano da década de 30.

Em 1945, a União Soviética cresceu muito. No mundo inteiro, a vitória do socialismo. Após o término da guerra, a ditadura começou a enfraquecer e os presos foram soltos com a anistia, Luiz Carlos Prestes, Marighella etc.

Muito interessante esse documentário, faz com que possamos conhecer a história por quem viveu e não por muitos que contam o que escutam e nem sabem do que falam, só quem viveu essa época sabe como foi. Alguns críticos argumentam que sua adoção da luta armada e das táticas de guerrilha contribuíram para a escalada da violência e da repressão durante o regime militar.

Mas é muito bom deixar registrado essas memórias para as próximas gerações. Ele continua a ser um símbolo de resistência e luta pela liberdade, e sua vida e obra permanecem relevantes no contexto das discussões sobre os direitos humanos, justiça social e democracia no Brasil e além.

A Última Floresta documentário, 2021

Filme baseado nas reflexões de Davi Kopenawa Yanomami, não foi um olhar branco, veio da voz de um indígena.

Filme sensível, muito simbólico. Gostei muito, a ficção misturada com falas no documentário.

Consegui compreender e adquirir algum conhecimento sobre a cultura dos yanomamis, achei linda a forma como eles lidam com a natureza, a conexão deles com ela e serem felizes assim. Um povo de muita crença espiritual, os rituais de dança e do cachimbo, procurei saber um pouco mais sobre o rapé.

Soprou nas narinas um pó medicinal através de uma espécie de bastão de madeira, ritual que os isolados indígenas Yanomami repetem há séculos no meio da floresta amazônica, eles passam o dia inteiro inalando para conhecer os espíritos xapuris e aprender a responder seus cânticos. É o ritual de iniciação para ser pajé.

O filme tem um tom de documentário e de ficção, mostra a questão indígena, cultura e vivência Yanomami.

Cenas do cotidiano, mulheres fazendo seu trançado, bijú para a alimentação das crianças, homens saindo para pescar e caçar.

Na ficção o Deus enterra a morte e as doenças junto com os minérios, mas quando os garimpeiros aparecem, desenterram a doença, o mercúrio afeta a saúde deles.

É a maior aldeia indígena que está de certa forma, ainda afastada dos brancos.

Por que a FUNAI não permite que a FIOCRUZ leve médicos e medicamentos? Eles estão sofrendo muito com a malária e a desnutrição, mas a FUNAI permite que os garimpeiros entrem...

A luta indígena para tentar proteger sua terra e seus filhos.

Participar dessa ICH foi uma forma de adquirir vários tipos de conhecimentos, pois os documentários foram vários, impossível descrever todos.

Projeto Da minha janela vejo o mundo: iniciação científica

Orientadora: Ângela Massumi Katuta

Em Março de 2022, comecei a fazer parte do grupo de iniciação científica e estudos da Cartografia Social da Terra Indígena M'Byá Guarani Araçaí. A elaboração de uma cartografia Social, auxiliará o povo Indígena M'byá no reconhecimento do seu território praticado. A terra indígena está localizada no município de Piraquara, estado

do Paraná, e é compartilhada com a APA (Área de proteção ambiental). Esse projeto existe desde o segundo semestre de 2017.

No início, em função da pandemia, realizamos um programa de estudos e leitura dirigida, no qual nos reunimos remotamente e depois presencialmente para lermos, analisarmos e debatermos os textos e vídeos indicados pela orientadora, visando assim, sanar dúvidas, responder e levantar questões sobre os modos de vida dos povos indígenas, as ameaças aos seus territórios.

O objetivo do trabalho foi finalizar a cartografia social dos adultos e das crianças, construir um olhar sensível de caráter ético político entre os participantes. Fizemos reuniões preparatórias para as oficinas e trabalhos de campo e também reuniões de estudo de textos e obras que nos possibilitaram ampliar nossos conhecimentos sobre os modos de vida indígena, especificamente dos Mbyá Guarani da Terra Indígena Araçá.

Síntese do semestre

O módulo Sistema Mundo I, proporcionou-me uma compreensão crítica das interconexões globais e da formação histórica desse sistema, abordamos temas como o capitalismo, o colonialismo e a globalização e como estruturam o espaço global, criando desigualdade entre as regiões e nações. Ao aprender as relações entre os países centrais e periféricos, bem como as dinâmicas de dependência e subdesenvolvimento, os fluxos econômicos, culturais e políticos e como afetam as realidades geográficas no mundo.

O módulo Fundamentos da Estrutura da Educação focou no desenvolvimento do sistema educacional, suas bases históricas, filosóficas e legais, permitindo a compreensão das políticas públicas que moldaram a educação no Brasil e como essas políticas influenciam o ensino de Geografia nas escolas. Discutimos os marcos legais que estruturam o sistema educacional, como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), e o papel da educação como ferramenta de transformação social. A partir desse módulo, adquiri uma visão crítica sobre os desafios e as possibilidades do ensino geográfico, em um contexto de inclusão, diversidade e igualdade de oportunidades.

Quanto ao módulo O Território Brasileiro na Contemporaneidade, já citei acima.

Essa síntese demonstra como a articulação entre as dinâmicas globais, a estrutura Educacional permite uma formação sólida e crítica do curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal do Paraná setor litoral.

Primeiro semestre de 2022

Compreensão do sistema mundo II

Professor responsável: Felipe Vanhoni Jorge

Neste módulo trabalhamos blocos econômicos, conceitos em geopolítica, redes, o Brasil no contexto Global e produção de energia.

O professor Felipe é muito profissional, gentil e educado, me senti super bem na aula dele, ficamos apreensivos quando não conhecemos o professor, mas foi uma surpresa.

Esses assuntos são de suma importância para o aprendizado de geografia em sala de aula. Blocos econômicos estão presentes no oitavo e nono ano dos anos finais do ensino fundamental e nas primeiras e segundas séries do ensino médio. Essas temáticas são muito atuais.

Os blocos econômicos são países que buscam promover a integração econômica e comercial entre seus membros, esses blocos podem variar em termos objetivos, abrangência e profundidade de integração. Em geopolítica, refere-se a agrupamentos de países que se unem para alcançar objetivos comuns no campo econômico e comercial. Constituem uma manifestação evidente de como a economia dos países são de suma importância para o aprendizado pois a geografia e a geopolítica estão interligadas, com os países buscando maximizar seus interesses estratégicos através de alianças econômicas.

Um vídeo que fiquei muito chocada, foi sobre os Uigures, povo de origem turcomana que habita a Ásia Central, faz parte de uma das 56 etnias oficialmente reconhecidas pela China. Eles são muçulmanos. Cerca de um milhão já foram mandados para um dos 380 “campos de reeducação” construídos nos últimos anos. São obrigados a estudar a religião seguida na China. Há relatos de trabalhos forçados, lavagem cerebral e até experiências médicas. Há vários relatos horríveis, inclusive de mulheres que sofrem estupros sistemáticos no centro de “concentração”.

A China é o principal parceiro comercial do Brasil em exportações. Os chineses têm muito interesse na América do Sul, com investimentos no Peru e Brasil. Por isso, querem construir portos para facilitar o escoamento de produtos para exportação. Eles também se interessam muito por nossa energia elétrica e petróleo, pois com as parcerias econômicas dependem de muitos recursos do Brasil.

As redes geográficas são estruturas complexas de interações e conexões que ocorrem em diferentes lugares ou regiões no espaço geográfico, elas são formadas por nós (locais) e ligações (rotas) que facilitam o movimento e a troca de bens, pessoas, informações e ideias. As redes geográficas são fundamentais para entender a dinâmica espacial e a organização dos territórios no planeta. De acordo com Milton Santos (ano?, p. ?): “As redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais.”

A produção de energia é um processo fundamental para a manutenção das atividades econômicas, industriais e sociais. Ela pode ser realizada por meio de diversas fontes, que podem ser classificadas em renováveis e não renováveis. Cada tipo de fonte de energia possui suas próprias características, vantagens e desvantagens.

O Brasil, como uma das maiores economias e nações mais populosas do mundo, desempenha um papel significativo no contexto global em várias áreas, como: agronegócio, mineração, energia, meio ambiente, política externa.

Compreensão do sistema mundo III

Professor responsável: Felipe Vanhoni Jorge

Li o artigo “Geografia da População: Origens e Perspectivas” de Romerito Valeriano da Silva e Duval Magalhães Fernandes, e a definição que mais me chamou a atenção foi a de Zelinsky:

Por outro lado, segundo Zelinsky (1974), a geografia da população é a ciência que estuda as maneiras pelas quais os elementos populacionais variam no interior dos lugares geográficos através do tempo e do espaço, interagindo com numerosos fenômenos não demográficos. Para ele, o propósito fundamental dessa área está além de descrever onde as pessoas vivem, seu número e tipo. De forma categórica, Zelinsky (1974) afirma que geográfico não é sinônimo de localizacional, e que por isso a geografia da população deve focar o caráter interdependente das coisas que mudam no espaço, por meio da análise das causas e dos efeitos das transformações. As afirmações do autor são importantes por focar em elementos básicos do saber geográfico como homem e espaço, mas, sobretudo, por deslocarem a geografia da confortável e constrangedora condição de ser uma ciência que diz somente onde estão as coisas e, (PRYOR, R. J. *Methodological Problems in Population Geography*. In.: Clarke, J. I. *Geography and Population*. Pergamon: Oxford, 1984). Nesse caso, onde estão as pessoas. Zelinsky (1974) demonstra que o fazer geográfico está muito além de apenas dar a localização do fenômeno, este é apenas mais um instrumento para a compreensão do objeto de estudo. (Autor Zelinski, ano 1974, p.38)

Entender o sistema mundo através da geografia da população e dos movimentos populacionais requer uma abordagem multidisciplinar que englobe demografia, economia, sociologia, ciência política e relações internacionais. Na geografia da população temos, a distribuição e o crescimento populacional, dos movimentos populacionais, a migração interna e a migração externa (internacional). Migração dos refugiados, suas causas e desafios. Desafios e perspectivas populacionais, urbanização, envelhecimento populacional e desigualdade. Conflitos globais e sua gênese; Recursos Naturais; Identidade e território; Política e Poder.

Essa abordagem abrangente e interconectada permite uma compreensão mais profunda do sistema mundo, levando em consideração as complexas dinâmicas populacionais e os diversos fatores que influenciam os movimentos e conflitos globais.

ICH: As Múltiplas Linguagens e o Ensino da Geografia

Professor responsável: Felipe Vanhoni Jorge

Participar dessa Ich foi muito importante, aprender a confeccionar materiais didáticos para o uso em sala de aula e também várias abordagens de ensino.

Aprendemos a fazer uma bússola para usar com as crianças em sala de aula, muito simples, precisaremos de uma agulha, um copo com água, um pedacinho de papel e um ímã.

Outra abordagem que achei bem legal, foi fazer um roteiro de viagens, através de fotos dos pontos turísticos de cada região, utilizamos um mapa do Brasil para a localização das figuras.

Procuramos fotografias interessantes e uma lupa para destacar o que mais nos chamava a atenção. Micro e macro, olhamos as fotos e posteriormente com a lupa. Trabalhar com imagens é um recurso didático muito bem aproveitado.

Instrumento de mobilização - podemos mostrar a imagem e mobilizar a atenção dos alunos.

A ideia de utilizar letras de canções também deixa as aulas mais lúdicas e atraentes, fazendo o aluno refletir sobre a temática abordada nas letras e sua relação com a produção do espaço. Estimula a participação dos alunos no processo de construção do conhecimento.

“Nas diversas religiões, pelas diversas regiões da terra e ao longo dos milênios de existência do homem, a prática de associar qualquer disciplina à música sempre foi bastante utilizada e demonstrou muitas potencialidades para auxiliar no aprendizado” (FERREIRA, 2001, p. 10). A letra de canção pode ser tomada enquanto manifestação popular, mas também algumas abordam temas vinculados à ciência e às artes.

Analizamos vários gráficos, o professor Felipe nos mostrou o Gapminder, ferramenta muito bacana, dá para fazer diversos gráficos. “Os gráficos são tipos de signos utilizados para representar a realidade em seu aspecto quantitativo, assim como a estrutura espaço-temporal de um grupo em determinado espaço/tempo” (PAGANELLI, 1985, p. 32)

Gráficos têm a grande vantagem de sintetizar e apresentar dados quantitativos de modo que podem facilitar a interpretação e estabelecimento de correlações de fenômenos. “O objetivo do gráfico não é só quantificar mas, sobretudo, estruturar a informação, comparar e detectar relações que não seriam visíveis de

outra forma ” (SILVA, 2006, p. 71). “ Integrar a imagem e a informação na busca da resposta sintetizada, pretendendo-se uma comunicação rápida. (PEIXOTO; CRUZ; 2011, p. 127)

A leitura e interpretação de dados gráficos requer que os alunos sejam, inicialmente, capazes de quantificar e representar dados de sua realidade para poderem, então, analisar e interpretar gráficos elaborados por outras pessoas e que são encontrados em livros-textos, jornais, revistas etc. (PAGANELLI, 1985, p. 33)

Foi ótimo eu ter essa oportunidade de crescer e me desenvolver para a minha prática docente, refletir sobre a prática e encontrar novas maneiras de construir conhecimentos, são passos essenciais para qualquer educador. A exploração de instrumentos didáticos pode realmente transformar a forma como os alunos aprendem e se envolvem com o conteúdo.

Síntese do primeiro semestre

Sistema Mundo II, este módulo aprofundou o estudo das inter-relações globais, com foco nas transformações geopolíticas ocorridas a partir do século XX, análises de dados e conflitos mundiais como a guerra fria e o surgimento de novas potências econômicas. Foi possível compreender como as tensões e alianças políticas influenciaram a reorganização do espaço mundial. Foi essencial para entender as disputas pelo controle de territórios, recursos naturais e rotas comerciais. No módulo seguinte Sistema mundo III, o foco foi na globalização contemporânea e suas consequências socioeconômicas, políticas e culturais, foram explorados temas como intensificação dos fluxos de mercadorias, capitais e pessoas, as novas tecnologias de informação e comunicação. Destacou-se também as desigualdades crescentes entre nações, a questão migratória e os novos desafios para a governança global. Juntos, estes módulos permitem uma visão crítica e ampla das relações internacionais, destacando como o espaço mundial é moldado por forças econômicas, políticas e tecnológicas, e como esses processos afetam a organização dos territórios e a vida das populações. É fundamental para a formação de um geógrafo que ele seja capaz de analisar e ensinar as complexas interações que estruturam o mundo atual.

Segundo Semestre de 2022

Territórios em disputas: Territórios, Planejamento, Regionalização, os Fluxos e as Redes

Professor responsável: André Essenfelder Borges

Nada mudou nesse módulo, só piorou, o professor André estava cada vez mais revoltado, ficava discorrendo sobre assuntos de perseguição e esse semestre ainda teve aluno que deu corda nas divagações, prefiro não dar nomes aos bois.

Nem bem começava a falar sobre um assunto, voltava para a perseguição. Então, foi difícil entender alguma coisa, conforme relatei em outro momento. Falamos sobre a divisão da África do Sul no século XIX, principalmente durante a conferência de Berlim em 1884-1885, que resultou em fronteiras artificiais traçadas por potências coloniais europeias. Essas fronteiras muitas vezes não consideravam as realidades étnicas, culturais, linguísticas, históricas e geográficas existentes no continente. Em vez de usar características naturais, como rios, divisores de águas e relevos, as linhas foram desenhadas de forma retilínea e arbitrária, criando muito dos conflitos e desafios que ainda persistem hoje

Quanto ao Egito, as civilizações antigas que floresceram ao longo do Nilo, especialmente no Alto Egito, construíram monumentos impressionantes e sítios arqueológicos gigantescos, como os templos de Luxor e Karnak, e as tumbas no Vale dos Reis. Essas civilizações deixaram um legado duradouro que continua a ser explorado e estudado por arqueólogos e historiadores.

Estágio I: Educação e Democracia Professora responsável: Ângela Massumi Katuta

Então chegou o dia tão esperado, a preparação para o início do estágio, demoramos dias para mandar toda a documentação necessária para o e-protocolo, uma burocracia gigante, também precisei conhecer os PPPs (Projeto Político Pedagógico) e os PTDs (Plano de Trabalho Docente) das escolas e professores nas quais estagiei. Fizemos trabalhos de campo no município da Lapa, na escola do campo Contestado, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Fomos fazer visita técnica à Escola Indígena Pindoty na Ilha da Cotinga, na Escola indígena Mbya Arandu, da terra indígena Araçaí, localizada no município de Piraquara e no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, localizado na Comunidade Quilombola de João Surá, no município de Adrianópolis, todas no estado do Paraná.

Meu estágio todo foi no Colégio Estadual Sertãozinho EFM, com o professor de de

Geografia Erotilde Alves de Oliveira, também com formação nas disciplinas de História e Pedagogia. Foi uma experiência ímpar, no começo fiquei bem desmotivada, pois os estudantes não paravam de conversar, de usar o celular, namorar em sala de aula e não prestavam a mínima atenção nas aulas, exceto uns três ou quatro. Com o passar do tempo, fui entendendo a realidade da sala de aula, as dificuldades do cotidiano.

Ser professor é um desafio, todas as aulas são uma aventura e temos que ficar sempre atentos, pois coisas novas surgem todos os dias. Acho muito importante conhecer cada aluno porque cada indivíduo é um ser diferente do outro, suas lutas diárias e seu convívio familiar contam muito para a transformação das relações humanas. Precisamos prestar atenção no dia a dia das crianças, ajudar no desenvolvimento da consciência crítica do aluno para que possa compreender a produção dos arranjos espaciais.

Necessitamos formar um cidadão, capaz de saber pensar o espaço e suas contradições, ajudando a construir um mundo mais justo e igualitário. É fundamental que o professor pense muito no que deseja trabalhar em sala de aula e quais os resultados que pretende alcançar com seus alunos. Isso requer que eu tenha uma boa metodologia e teoria, para não cometer os mesmos erros dos professores do passado, onde o ensino se limitava ao que estava escrito nos livros didáticos, apenas exigindo dos estudantes a memorização dos conteúdos. Tenho que possibilitar aos alunos, transformar os currículos aplicados em conhecimentos.

O estágio me deu a oportunidade de adquirir conhecimentos que não podem ser previstos por nenhuma teoria, uma vez que permitiu o contato direto com a realidade escolar, o comportamento dos alunos e dos professores em sala de aula, podendo assim, vivenciar o processo de ensino e aprendizagem sob o olhar docente.

Conhecemos Projetos Políticos Pedagógicos dessas três escolas.

“A Docência é nosso Autoconhecimento.”

Para entendermos como serão esses métodos utilizados no ensino, a educadora nos passou alguns textos para leitura e debates em sala de aula. Meu texto foi da Cicilia Peruzzo (2017) intitulado Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante e pesquisa-ação. O texto aborda os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa participante e o objetivo é sistematizar os principais conceitos de modo a evidenciar distinções entre algumas de suas vertentes, da observação participante etnográfica à pesquisa engajada ou pesquisa ação. Faz-se uma aproximação desse tipo de pesquisa e aquelas realizadas no âmbito da área de comunicação social. O texto privilegia a abordagem teórica e baseia-se em pesquisa bibliográfica. Conclui-se que a pesquisa participativa não se constitui num modelo metodológico ético, embora tenham em comum a inserção e a participação do pesquisador no ambiente investigado. No caso da pesquisa ação há também a participação ativa do grupo investigado no processo de investigação. As controvérsias acerca da validade ou não da pesquisa participativa se assentam em posições epistemológicas que caracterizam todo um debate sobre o que é considerado científico e sobre o papel da ciência na sociedade.

“Escola é lugar de fazer-se gente no mundo.” A escola que olha o mundo como um lugar de várias probabilidades.

Ser professor é um desafio, todas as aulas são uma aventura e temos que ficar sempre atentos, pois coisas novas surgem todos os dias. Acho muito importante conhecer cada aluno porque cada indivíduo é um ser diferente do outro, suas lutas diárias e seu convívio familiar contam muito para a transformação humana. Precisamos prestar atenção no dia a dia das crianças, ajudar no desenvolvimento da consciência crítica do aluno para que ele possa compreender a lógica da produção dos arranjos espaciais.

Necessitamos formar um cidadão, capaz de saber pensar o espaço e suas contradições, ajudando a construir um mundo mais justo e igualitário. É fundamental que o professor pense muito no que deseja trabalhar em sala de aula e quais os resultados que pretende alcançar com seus alunos. Isso requer que o profissional tenha uma boa metodologia e teoria, para não cometer os mesmos erros dos professores do passado, onde o ensino se limitava ao que estava escrito nos livros didáticos, forçando os estudantes a apenas memorizar os conteúdos. Temos que possibilitar ao aluno transformar os currículos aplicados em conhecimentos. O estágio me deu a oportunidade de adquirir conhecimentos que não podem ser previstos por nenhuma teoria, uma vez que permitiu o contato direto com a realidade escolar, o comportamento dos alunos e dos professores em sala de aula, podendo assim, vivenciar o processo de ensino e aprendizagem sob o olhar docente.

Globalização e Geopolítica

Professora responsável: Carolina

“O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza mesmo são as pessoas.” (Milton Santos, 1993)

Não podemos falar de globalização sem pensar Milton Santos. O autor foi um crítico da globalização que, segundo ele tem três faces: primeiro, ela se apresenta como

uma fábula que pode conectar as pessoas, permitir a livre circulação de indivíduos, que cada um conheça a cultura de outros povos, permitir a maior integração entre os países e, conseqüentemente, o enriquecimento de todos eles. Para Milton Santos isso é só uma fábula porque nós temos países que colocam cercas, impedindo indivíduos de entrar neles, é óbvio que não existe livre circulação de pessoas, mas de mercadorias.

Quando se fala em livre acesso à cultura de outros povos, se entrarmos na internet podemos ver e ouvir coisas deles, mas na prática isso é muito pouco efetivo. O mundo inteiro assiste os mesmos filmes, ouve as mesmas músicas. Ao invés de conhecermos outras culturas, passamos a ficar cada vez mais iguais. Padroniza-se a forma de pensar, sentir e entender a realidade, condição para a globalização das relações capitalistas de produção. Nem sempre é verdade que a globalização enriquece os países, se pegarmos aqueles já preparados para a globalização que tem aparato técnico, dinheiro para investir, desenvolver novas tecnologias. Eles cresceram muito, mas os países com maior dificuldade financeira, com mais baixo nível de desenvolvimento, por consequência, baixo potencial de investimento para as tecnologias da globalização, baixa mão de obra capacitada, para podermos fazê-los funcionar, baixo letramento da população e, portanto, condições ruins de participar do mundo digital, esses países não crescem, eles tornam-se espaços subalternos.

Para Milton Santos a globalização não é um caso perdido. A Fábula da globalização tinha que deixar de ser contada livremente porque é preciso encarar de frente essa perversidade da globalização. Deveríamos nos esforçar para produzir outra globalização, uma que utilizasse a capacidade técnica, nosso potencial de conhecimento do mundo, a conexão entre os diversos países, não para competição, cada vez maior, mas, para acabar com a miséria, a fome e a injustiça. Para que aumentasse o nível de igualdade no mundo e desse a todos, condições plenas de crescer e se desenvolver como indivíduos, como pessoas.

Síntese do texto Globalização e Desterritorialização de autoria de Rogério Haesbaert (2008) do livro: Geografia, conceitos e temas. A globalização, não é um processo homogêneo e uniforme, mas multifacetado e desigual. Haesbaert enfatiza que a globalização deve ser entendida através de suas contradições e variações regionais, destacando como diferentes lugares e territórios são afetados de maneira distinta por

esse processo. Ele propõe que a globalização intensifica a interconexão e a interdependência entre diferentes partes do mundo, mas também acentua as disparidades sociais e econômicas.

A desterritorialização é um conceito central do autor e refere-se ao enfraquecimento das fronteiras e dos laços territoriais tradicionais devido à globalização. Ele argumenta que a desterritorialização não significa a perda da importância do território, mas uma reconfiguração das relações territoriais. Distingue os vários tipos de desterritorialização: econômica, cultural e política. Cada uma com suas próprias dinâmicas e impactos.

Haesbaert explica como a globalização impulsiona a desterritorialização, alterando profundamente a maneira como os territórios são concebidos e utilizados. Ele aponta que, apesar do enfraquecimento de certas fronteiras, novas formas de territorialização emergem, moldadas pelas forças econômicas e políticas globais.

A Geopolítica estuda os conflitos políticos que reverberam há muitos anos. É o estudo da influência de fatores geográficos, econômicos, demográficos e culturais sobre a política internacional e as relações entre os Estados. Analisa como essas influências afetam a distribuição e o exercício do poder no mundo.

Esse semestre foi de grande importância na minha caminhada, li alguns livros, analisei textos e assisti vários documentários e vídeos musicais.

O livro que eu mais gostei foi “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher” de Svetlana Alexievich (2016).

Trata-se de uma reescrita audaciosa da Segunda Guerra Mundial em uma perspectiva de gênero.

Informa que Mulheres muito jovens ouviram o chamado da pátria e foram combater as tropas nazistas de Adolf Hitler. Quase um milhão de mulheres foram franco atiradoras, comandantes de canhão antiaéreo, atiradoras de metralhadoras, pilotas de tanques, enfermeiras etc.

O livro foi constituído com vozes da própria vida, não foi escrito por homens, sobre os homens. Tudo o que conhecemos sobre a guerra tem o olhar masculino, essa obra tem a sensibilidade do olhar feminino. As lembranças das narradoras não

são um relato apaixonado ou desapaixonado de uma realidade que desapareceu, mas um renascimento do passado. Vou, durante meu relato, citar frases que me marcaram, como “A guerra é um sofrimento íntimo demais. É tão infinito quanto a vida humana...”, “O ser humano é maior que a guerra...”.

Da autora: “Tive minha guerra...Percorri um longo caminho junto de minhas personagens. Como elas, por muito tempo não acreditei que nossa vitória tivesse dois rostos - um maravilhoso, outro terrível, cheio de cicatrizes, insuportável de olhar. “Tenho pena de quem vai ler esse livro, e também de quem não vai ler...” Svetlana Alexievich (2016)

Assisti também o vídeo Globalização e fragmentação de Billy Malachias e Vanderli Cardoso, em um dos episódios do Café Filosófico. Billy Malachias, Geógrafo, pesquisador do Centro de Estudos Periféricos da Universidade Federal de São Paulo, campus zona leste, e sua convidada Vanderli Custódio Cardoso, aposentada pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo. Caminharam pelo centro e ficaram impressionados com a quantidade de lojas fechadas. Billy convidou Vanderli para tomar café em uma galeria, muito diversificada, com pessoas vestidas de preto de um lado e, do outro, pessoas com roupas coloridas, estampas africanas, vendendo tranças africanas, no meio do caminho uma apresentação de Hip Hop. A galeria consegue agrupar pessoas de várias partes do mundo, tem a questão estética afirmativa e há novos personagens nessa cena: Africanos e Haitianos. Nos anos 1980, Billy conheceu personagens como Hamilton Cardoso, Tony Tornado, Luiz Melodia , um conjunto de ativistas negros e negras que circulavam pela galeria. Algo importante de se pensar: globalização e fragmentação, é um assunto muito complexo e contraditório. Etnização e Fragmentação. Os refugiados estão esparramados pelo mundo, e aqui fazem parte desse processo, assim que se organizam chamam a família inteira e amigos, assim, vamos tendo bairros com perfil afro muito significativo. trata-se do resultado do processo de globalização intenso. Para os geógrafos esse é um processo bem legal de se pensar, de certa forma, pessoas desterritorializadas, procuram em lugares que eles se encontram, elementos que possam territorializá-las. A globalização faz uma tábula rasa de tudo, causando uma incerteza muito grande: eu pertenço a qual lugar? Para onde eu vou? Quais minhas expectativas de futuro?

As tatuagens são uma forma de marcar a vida, um tempo. Cada tatuagem tem o significado de uma época para as pessoas. Hoje as pessoas estão escrevendo muito suas biografias, querem contar a sua história, dizer aquilo que estão pensando. O processo de globalização traz receio nas pessoas quando pensam no futuro.

A classe média é muito conservadora, usa toda a tecnologia da globalização para se manifestar, todos estão se manifestando. Vanderli diz que o mundo é mais careta agora do que na década de 60, 70, 80. Agressão aos Gays, às mulheres, ela pensou que tudo isso já estaria resolvido, que nada. Isso está voltando com uma força muito grande com movimentos de populismo conservador, até na religião. Que certeza eu posso ter amanhã? Que certeza tenho se estarei trabalhando com aquilo que me formei?

Quando se vai fazendo um paralelo com o avanço da globalização, você vai percebendo o aumento das seitas, das igrejas. A ideia da globalização é a fronteira aberta para todo mundo, então circulam as mercadorias, informações. Os homens não circulam, ninguém quer saber de pobre e refugiado no seu território. Segundo Milton Santos, a globalização é um processo globalizado de produção e acumulação de riqueza, não é o de circulação de pessoas. Billy diz que seria uma ditadura do capital, do consumo, se impondo na vida das pessoas, dos países, dos estados, impedindo uma realização plena da vida.

Além de todos os problemas que a vida cotidiana, urbana, traz para as pessoas, Billy sente que hoje, há um maior adoecimento dos sentimentos. Pela frustração daquilo que não se completa quanto ao mundo. Essa expectativa de se realizar e a demora de sua concretização, frustra as pessoas no cotidiano, no dia a dia, e o que era uma frustração individual, a pandemia transformou numa frustração coletiva. Tem que ter esperança, estamos vivos!!

Nossa, achei essa conversa sensacional, me fez crescer muito. Às vezes admiro meus pensamentos, a universidade realmente abriu minha mente, passei uma vida inteira alienada sobre esses assuntos, levava (vejo isso hoje) uma vida egoísta, sinto muito por não ter tido essas experiências, 20, 30 anos antes. Mas nunca é tarde para crescer.

As aulas eram muito dinâmicas e cheias de aprendizados novos, mesmo assim, tivemos alguns episódios de brigas, discussões e medo, pois o educando Luiz Gustavo, começou a arrumar encrenca com algumas mulheres e educadoras da turma, isso acarretou um mal estar geral, cheio de ameaças. Com o passar dos dias, também criou desavenças em outras turmas, o que ocasionou a sua expulsão da universidade.

ICH - Contando e recriando histórias de Matinhos

Professora responsável: Neusa M. Tauscheck

Escolhi essa ICH porque adoro a cidade de Matinhos e venho para cá desde muito pequena, costumo dizer que sou 50% Matinhense e 50% Curitibana. Gosto muito das histórias contadas pelo povo da cidade, nascido e criado aqui.

Li o livro infantil nome DA MINHA JANELA, escrito por Otávio Júnior (ano?). Nele, um menino narra o que ele vê da janela da sua casa, e também o que ele gostaria de enxergar, após a leitura me foi entregue um papel e lápis de cor, para desenhar o que vi da minha janela durante a pandemia. Como moro no centro e no começo estava tudo fechado, desenhei o que eu gostaria de ver. Muitas pessoas, crianças, árvores, animais, todos felizes. Bem diferente do que eu estava vendo, um cenário de medo e incertezas.

Pesquisei sobre várias lendas locais que estão descritas no meu portfólio do primeiro semestre de 2022. Lendas são histórias com base em fatos reais que tomaram forma mística, que não são mais parte da realidade e se incorporam ao que mais desejamos e queremos reviver. Lendas são nossa mente querendo dar nome a magia das histórias de nosso povo.

O professor Eloi, nos contemplou com a apresentação de sua pesquisa sobre a história de Matinhos. Abordou aspectos geográficos do morro do Boi, um pico isolado da serra do mar, formado também por sambaquis Guaranis.

Em 1820, Caiobá era isolada, o acesso era somente pela praia e mar. Para chegar de Paranaguá a Caiobá, eram necessários dois dias, uma parte por via marítima, feita por canoas e outra em carro de bois pela praia. Cem anos depois, em 1920, foi aberta

a estrada do mar, que ia da Praia de Leste até Caiobá. Houve em algum momento o tombamento do Morro do Boi e da Ilha do Farol.

Humberto Giacomoni nos contou a história dos pescadores artesanais em Matinhos. No ano de 1933, eles vieram de Santa Catarina, descendentes de açorianos, chegaram com suas famílias e foram se expandindo e interagindo com os nativos daqui.

Nos falou bastante sobre a obra política da engorda da praia de grande impacto ambiental. O impacto da draga está acabando com a bancada de coral de carbonato de cálcio, que levou milhões de anos para a sua formação. Foi retirada areia de 37 metros de profundidade, vieram fósseis, tartarugas, pinguins etc.

Muito triste isso. Para mim não passa de capitalismo selvagem.

Recebemos Mestre Neri e sua família, foi especial. Lemos dez páginas do livro que ele está escrevendo, parecia uma poesia, não vejo a hora de ler o restante. Ele conta toda sua história de vida, todo o aprendizado que teve com o pai e os avós, os tipos de pescarias, o uso do espinhel, das redes, a produção do cerco das tainhas, sobre os sinais da natureza. Acendeu uma luz na minha mente, sobre o meu projeto de aprendizado.

Essa ICH me ajudou a entender muito da cultura local.

Síntese do segundo semestre

O módulo globalização e geopolítica trouxe uma perspectiva mais ampla, abordando como as disputas territoriais se inserem em um contexto global de competição por recursos. Discutimos os impactos da globalização na reconfiguração das relações entre Estados- Nação e as tensões geopolíticas que surgem a partir da competição por territórios estratégicos. O módulo destacou como as questões políticas influenciam diretamente o planejamento e o controle dos territórios, criando novas fronteiras e disputas no cenário global.

Não consigo fazer relação com o outro módulo pois esse foi ainda mais difícil que o módulo anterior, dirigido pelo professor André Borges, foi muito confuso.

Terceiro semestre de 2022

Natureza e espaço Geográfico: Um Olhar Sobre o Mundo

Professor responsável: Felipe Vanhoni Jorge

O meio ambiente é um tema recorrente nas discussões acadêmicas e presente em diferentes pautas políticas e, por essa razão, cabe à geografia definir de que modo pode contribuir para o enriquecimento desse campo.

É possível pensar em Geografia Humana e em Geografia Física como áreas de produção do conhecimento geográfico, apesar de possuírem metodologias, epistemologias, teorias e conceitos diferentes.

O espaço geográfico é o principal objeto da Geografia, e é entendido pelos conceitos de território, lugar, paisagem, espaço e natureza.

Meio ambiente é o conjunto de condições, influências, interações de ordem física, química, biológica, social e cultural que permitem abrigar e reger a vida em todas as suas formas (Conama, 2012). A natureza está no meio ambiente.

O Desenvolvimento de grandes obras de infraestrutura, provocam sérios impactos ambientais, hidrelétricas, barragens, rodovias, portos, degradam a vegetação, acabam com os animais e expulsam povos tradicionais.

Estágio II: O Educador Geógrafo e os Espaços Escolares

Professora responsável: Neusa M. Tauscheck

“ Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias” Eduardo Galeano (Essa frase foi dita por ele no lançamento do seu último livro, “ Os filhos dos dias”, 2014.).

Ser um educador geógrafo é fazermos escolhas, não os outros fazerem para nós, temos que pensar a escola como uma instituição local. Essa instituição faz parte de um conceito global, temos que pensá-la como construção social. O docente deve compreender que seu trabalho está ligado à percepção cognitiva.

Adentramos o mundo escolar, entendemos a escola a partir daquela que estamos fazendo o estágio que tem um papel muito importante. A pesquisa é uma prática social feita de relações de poder. Nela existe rigor e não rigorosidade, como diz a professora Tânia Garcia, autora do livro que estamos lendo “Entrelaçamento entre pesquisa e docência: Perspectivas a partir do conceito em experiência escolar. Este livro trata do conceito histórico, começando com o magistério e como cada lei modifica a nomenclatura, a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Nos dá pistas, possibilidades. Assim, aliada à prática escolar sobre o estágio, nos permite verificar algo a ser analisado e compreendido. Escola não é uma palavra, é um conceito.

Ser Professor(a) de Geografia no atual contexto de reformas curriculares e educacionais: Riscos e desafios das Diretrizes Curriculares da Geografia. Discutimos a Educação Pública como direito territorial. A Educação que o capitalismo produz é desigual e expressa as condições capitalistas. No primeiro ano, fiz um trabalho sobre a evasão escolar e o professor citou isso como uma das grandes causas, a educação maior para homens brancos. As escolas privadas possuem mais condições materiais, laboratórios de informática, bibliotecas, laboratórios de ciências, isso se expressa de longe em maior desempenho alcançado. A escola pública reproduz, pelas políticas públicas, desigualdades se comparadas às escolas privadas. Base Nacional Comum Curricular e o território como pano de fundo foi um tema discutido. Quase 30% das escolas não possui água potável, 20% das escolas não possuem energia elétrica, 20% das aulas ficaram sem professores na pandemia, isso também, por falta de concursos públicos, mais de 40 mil professores pediram exoneração por não aguentarem mais esse descaso com a educação. Ambev, Instituto Ayrton Senna, Banco Itaú, essas empresas defendem a privatização e a mercantilização da educação na disputa de fundos públicos, fazendo com que ocorra o avanço da iniciativa privada na educação. O Brasil, infelizmente, está fazendo parte dessa mercantilização.

Quanto mais pobre o estudante, menos formação, 80% dos declarados pretos e pardos, estão sendo colocados para fora das escolas, somado a isso há o fechamento dos horários noturnos, qual o custo social dessas políticas? Um dos

desdobramentos das atuais políticas é a necropolítica - a política de fazer morrer: 35 mil jovens foram assassinados em 2016, pretos, pobres, pardos e periféricos, evidenciando a ampliação da escola desigual. Muitas escolas participam da gestão da morte, permitida e incentivada.

As políticas neoliberais gerenciam as desigualdades. Temos que olhar contra as hegemonias, tornar cada vez mais visível um projeto de lutas, é fundamental mudar o sentido dos valores, presentes nos movimentos Indígenas, quilombolas, sem terra e alunos do campo.

Neste sentido, é possível falar de geopolítica educacional. A educação deve ser considerada um direito territorial. Escola que se constrói um com o outro, um projeto coletivo, uma ideia do conflito, da diferença entre os saberes. Chega de currículos que não reconhecem todos.

“Escola é lugar de fazer-se gente no mundo.” Pode ser uma instituição que olha o mundo como um lugar de várias probabilidades. É possível a revogação da BNCC? A disputa é muito desigual, envolve uma geopolítica importante. Aproveitamos o contexto de retomada política, ação extremamente complicada pela desigualdade de forças, precisamos revogar, lutar, fortalecer o direito à educação para os estudantes pobres.

Dividimos o estágio em partes, pois o tempo foi curto. Então fizemos outras atividades para complementá-lo. Uma delas foi conhecer a Pró-Crep, uma organização para preservação ambiental localizada no bairro da Pinheira, no município de Palhoça, Santa Catarina. Desde 1992, desenvolve atividades socioambientais. A associação emprega muitas famílias. Lá eles contam com duas lojas de produtos reciclados que ajudam no sustento da associação. Possui roteiro de coleta dos recicláveis nos bairros da Pinheira, do Papagaio, Passagem do Maciambu, Guarda do Embaú, Albardão, Três Barras, Morretes e Enseada do Brito.

Foi uma experiência muito importante. O local estava completando 30 anos, e pudemos participar de diversas oficinas. Gostei muito da Oficina de compostagem, recebi materiais muito ricos como um manual de Educação financeira para a pesca artesanal, que vai me ajudar no meu projeto de aprendizagem, outro como métodos para obtenção de sementes de mexilhões alternativos à retirada de bancos naturais

e um sobre Abelhas, muito interessante também. Achei que o governo de Santa Catarina se preocupa bastante com os povos originários do estado, coisa que não vejo no Paraná.

Nos dois dias que frequentamos o evento, tiveram muitas atividades culturais de danças tradicionais, música, teatro, foi um evento importante, culturalmente falando.

Gostei muito de um teatro, misturado com música e dança, apresentado pelas crianças de uma escola estadual, era sobre o Boi e a Bernúncia, uma espécie de cobra, gostei de ter ido.

Fomos também ao Parque de ciências Newton Freire Maia, em Pinhais. Trata-se de um espaço de divulgação científica e tecnológica, é um local onde a ciência, tecnologia, arte e cultura integram-se em um cenário propício a reflexões e descobertas, um ambiente para compreender os mistérios da natureza e refletir sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico. Temas como Universo, espaço urbano, energia e questões ambientais são abordados em uma exposição interativa com mais de 7000 mil metros quadrados. Conhecemos os cinco barracões, passamos pelo big-bang, pela gênese da vida e sua diversidade, pela formação das grandes cidades. Nesta exposição tem uma maquete gigante da cidade de Curitiba, toda feita no chão e o piso é de vidro, vemos a cidade e seus bairros. É muito bacana, vale a pena levar os estudantes para conhecer.

Toda a visita é guiada por três professores de Geografia. Na parte externa tem a maquete do primeiro, segundo e terceiro planaltos. No galpão dos minerais, contam com todos os tipos de rochas. O galpão da energia também é muito bacana. Abordam grandes temas da ciência de cada cor, um tipo de rocha. Na maquete, percebe-se as várias formas do relevo paranaense, a serra do mar em escala vertical: o primeiro planalto, o segundo e o terceiro. Muito show essa maquete.

Entramos no pavilhão Introdução, vimos uma estátua do filósofo Sócrates, junto com o painel da teoria do Big Bang de aproximadamente 20 metros. A história da filosofia, a importância da interação e integração entre o filosófico e científico. Nos fazendo refletir que é preciso aproximar as áreas de conhecimento. Os planetas em madeira são colocados para as crianças terem noção de tamanho e das suas escalas.

Nos mostram a diferença entre Júpiter e a Terra. A exposição também aborda a teoria da expansão do universo. O universo tem aproximadamente 14 bilhões de anos, o painel possui figuras de vários planetas, galáxias e mostra a existência humana no fim do painel. A escala geográfica, o espaço geográfico vão se formar a partir da ação humana. Há também a escala do tempo.

No Pavilhão Cidade, na entrada tem o busto de Isaac Newton. Aborda-se a ciência aplicada ao espaço urbano e as consequências disso. No início do pavilhão cidade, tem uma sequência de painéis que fazem menção ao conceito paisagem, a urbana é bastante enfatizada. O professor Marcos Alberto Torres estuda muito o som da paisagem, ele trouxe essa discussão dos elementos de som remetendo ao mundo urbano, denominado de paisagens sonoras.

Em 2005 foi criada uma sala em homenagem ao professor Geógrafo Milton Santos, é uma sala auditório, com espaço para oitenta pessoas.

Por meio de imagens de satélite num painel gigante, o público é convidado a viajar pelo mundo, pelo estado, pelo país, é uma ferramenta maravilhosa. Imagens do planeta terra com som ambiente, uma forma de interação bem provocativa, imaginei o encantamento das crianças.

Há uma maquete gigante do Paraná em curva de nível, que localiza as 399 sedes dos municípios paranaenses mais: relevos, planaltos, principais bacias hidrográficas do estado e a serra do mar. Maquete palco paraná. Importante romper esta dicotomia entre a geografia física e a geografia humana que produz obstáculos para a aprendizagem. A ruptura dessa dualidade, auxilia a trazer essa ideia do todo. Há também uma instalação artística, fazendo referências ao espaço público.

Ágora Curitibana, calçada, banco de praça, traz elementos de diversos espaços públicos de Curitiba, espaço público de diversas cidades do Brasil. Vimos também uma estátua do poeta e escritor paranaense Paulo Leminski, sai um pouco desse universo da ciência. Ele foi um artista universal. Poeta das ruas. Leminski traz muito a paisagem, o território de Curitiba em seus registros, era descendente de polonês com negros, indicando a miscigenação, muito forte para a identidade brasileira. Espaço da boemia, das ruas, da manifestação política.

Vimos uma obra intitulada Catatau que remete à cultura indígena, africana, europeia. Obra que cristaliza a identidade do brasileiro. Vimos uma representação da Grécia antiga, uma cópia de uma pintura de Raphael e outra da rua XV de novembro em Curitiba. Esta última, importante para a luta pelo espaço público no momento atual.

Geografia, arte e poesia, era uma exposição de fotografias aéreas de Curitiba no chão, representando quase toda a capital. Havia sequência de painéis de vários espaços, eixos estruturais, eixo norte sul, que vai do Santa Cândida ao Capão Raso, eixo leste oeste que vai do Campo Comprido ao Centenário. Colocaram madeirinhas representando a verticalização de Curitiba. Mostrando esses eixos estruturais a gente tem uma ideia do planejamento e zoneamento de Curitiba.

É possível compreender a própria história do país, pois a maquete apresentava o setor militar de Curitiba, o bairro Bacacheri, o setor industrial CIC, o setor educacional no Jardim das Américas, setor esportivo no bairro do Tarumã, são heranças do planejamento urbano. A intensificação do planejamento ocorreu principalmente na gestão Jaime Lerner. Na exposição há a possibilidade de acessar a Plataforma Wind que, em tempo real, apresenta alguns dados ligados à meteorologia e outros parâmetros, trata-se de um recurso Cartográfico, uma ferramenta bem didática. Auxilia a pensar na questão do clima urbano, os problemas ambientais, a inversão térmica e a formação de ilhas de calor.

Foi inaugurado o painel da engenheira Enedina Alves Marques, que homenageia e faz referência à participação da mulher na ciência e no desenvolvimento científico. O país tem uma injustiça étnico social muito grande. Ela foi a primeira engenheira negra do Brasil, participou da construção da usina Parigot de Souza e do colégio estadual do Paraná.

Passamos pelo Pavilhão Energia, Epistemologia da Geografia, século XVIII que apresenta o filósofo Immanuel Kant, um dos precursores da geografia, que criou um curso voltado para a geografia física, para conhecer o espaço, fortalecendo a dicotomia entre a corrente racionalista, idealista e a corrente empirista.

Bola branca, é o planetário que enfatiza a cultura indígena, a cosmologia Tupi-Guarani, espaço mais requisitado pelas escolas. Tinha uma casinha de pau a pique,

com eletrodomésticos da linha branca, representa uma mudança nos hábitos das famílias.

No Pavilhão Água é apresentado o sistema solar, terra, lua, suas formas, os movimentos de rotação e translação, um eclipse solar, outro lunar etc.

Há também diferentes projeções cartográficas, a rosa dos ventos. É muito importante usar na vertical ou na horizontal no chão. Outra forma de representação que difere da maquete do mundo plano, ideia produzida no contexto de idade média. Há um mapa que mostra a fragmentação da pangea. Na maquete existem elementos humanos, as caravelas.

No Pavilhão Terra havia uma Maquete Geológica do estado, foi pensado para discutir as questões do planeta, divulgar o conhecimento.

Relato do estágio presencial

Nesse semestre bastante difícil, pois achei muito ruim, voltamos em janeiro com aulas online, em dezembro fiz meu estágio II, no Colégio Estadual Sertãozinho, com o professor Erotilde Alves de Oliveira, com formação em História, Geografia e Pedagogia, está com 25 anos de escola.

Nesse semestre, tive a oportunidade de trabalhar com oitavo e nono anos nas primeiras e segundas séries do ensino médio. As crianças e adolescentes estão tentando recuperar as notas do primeiro, segundo e terceiro trimestre através de um plano do atual governo do estado, chamado Se Liga. Os professores aplicam como acharem melhor. O supervisor de estágio Erotilde fez um resumo de todo o conteúdo passado durante os três trimestres e transformou em um questionário de 45 perguntas, os alunos responderam e puderam consultar os cadernos. Eu não achei bom isso, pois os que passaram, ficaram na sala juntos, não fizeram nada e acabaram atrapalhando os que tinham tarefas a fazer. Foram dadas muitas chances, e até puderam levar para casa, Às quatro semanas que frequentei as aulas, foi o mesmo processo em todas as turmas. Eles não procuram fazer o questionário inteiro, fazem exatamente os pontos que precisam ou até menos. Fiz uma enquete com duas

professoras sobre o que acharam do Se Liga, eis as respostas: Professora 1 - :[16:18h, 03/02/2023]: Se Liga nos anos de 2020 e 2021 que teve por objetivo avaliar os alunos que tiveram notas inferiores a 6,0, durante o período da pandemia. Isso foi pensado como uma forma de oportunizar aos alunos um outro recurso de avaliação devido a realidade vivida naquele período.

No ano de 2022, a Seed continuou com esse recurso e ele foi oportunizado aos alunos com dificuldades ou que gostariam de um reforço na disciplina. Após as aulas de revisão dos conteúdos, os alunos que de fato apresentaram interesse nessa oportunidade de avaliação, atingiram a média necessária para a aprovação. Como professora atuante em sala de aula penso que falta para a Seed uma conscientização da importância desse trabalho de recuperação. Deixo como sugestão que organizem um calendário específico contemplando as aulas de recuperação de final de ano. Isto é, os alunos aprovados deveriam ser dispensados para que nós professores pudéssemos nos dedicar somente àqueles alunos que, de fato, necessitam de um atendimento individualizado. Uma recuperação aplicada numa turma com 44 alunos, onde, muitos desses já estão aprovados e não tem interesse pelo que está sendo trabalhado, acaba sendo uma recuperação falha, um desgaste para o aluno que quer recuperar e para o professor que quer um trabalho com qualidade.

O objetivo e o público alvo do link educação, resumem muito bem o que é o Se Liga, de acordo com o Prof. 2: “Me aposentei antes deste projeto. Mas antes também tinha este mesmo tipo de trabalho, recuperação trimestral e no final do ano. Penso como a outra professora: a recuperação deveria ter um tempo específico no final do ano e, como ela disse, para aqueles que realmente necessitam, poderiam dar férias antes para os que se dedicam.

Muitos estudantes como sabem que tem tantas recuperações, não se dedicam, pois sabem que podem recuperar só no final do ano. Acho que se liberassem antes os que têm notas e sem dificuldades, a recuperação seria bem mais aplicada. O professor teria como realizar um trabalho mais específico.” Foi exatamente o que eu pensei, achei muito difícil ficarem juntos os que já passaram de ano e os alunos em recuperação. Poderiam criar umas oficinas para os outros.

No dia 15/02/23 a professora Neusa nos oportunizou uma roda de conversa com a professora Maria Eneida Fantin que foi muito proveitosa. Foi muito importante para todos os presentes. Ninguém nasce professor, a gente se torna professor (Paulo Freire). Eneida foi professora da rede estadual por 33 anos, durante esse período, nos contou que a Geografia mudou muito a forma de pensar.

O currículo base foi aprovado no final de 1989, começo de 1990 em dois eixos, formação em Geografia, política pública de educação (Programa Nacional do Livro Didático-PNLD). Quem era professor de Geografia nos anos 80, viveu o processo de redemocratização, alguns autores brasileiros que pensavam de uma forma mais crítica, foram liberados para escrever. A tal história da formação antiga, a graduação em que ela participou, nunca fez ler um livro do Milton Santos. Não teve nenhum contato com epistemologia da geografia, após esse período, começou o trabalho com um olhar mais geográfico.

Ela questiona o que ensinar em Geografia, deixa sua marca bem marxista, aprendizagens por série, geografia crítica. O que vimos nos livros didáticos, não se falavam em atividades práticas, aboliu-se o trabalho com a cartografia, os livros que traziam assuntos interessantes, as aulas de campo eram vistas com menor peso, um passo que a Geografia crítica não conseguia dar. Tudo de mais importante aconteceu na década de 1980. Na constituição de 1988, a criança pequena conseguiu status de cidadão de direito.

Nos anos 90 até 2015 o pensamento geográfico ficou mais plural. A nova Geografia Cultural ganhou força, traz temas muito importantes. Conseguiram deixar suas práticas. A Base Nacional Comum Curricular foi escrita por dois professores. A avaliação do livro didático. O professor não pode ser o capataz do livro didático.

Existem temas delicados nos livros, tem que saber relacionar esses objetos com o estudo da Geografia.

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos que apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une.” (Milton Santos, ano 2000).

ICH Contando e recriando histórias de Matinhos

Professora responsável: Neusa M. Tauscheck

Particpei da segunda parte dessa ICH no 3º semestre de 2022. Procuramos fontes que pudessem nos ajudar nas pesquisas. Construimos juntos como vai ser essa caminhada de conhecimento. Encontramos livros, em especial o livro *Matinho: Homem e Terra* do Prof. João José Bigarella, que está no site da Casa da Cultura de Matinhos. Convidamos pessoas idosas, pescadores e professores para nos auxiliarem em rodas de conversa.

Convidamos para uma roda de conversa, seu Silo e dona Zita, eles são primos, nasceram na década de 1940. Ele é tocador de cavaquinho, trouxe-nos um jornal que havia uma reportagem sobre ele como grande tocador, disse que desde menino já tocava na festa do Dia de Reis e tocou por muitos anos em bailes, bares e casas noturnas.

A alimentação de antigamente era tirada da roça que tinham perto do riacho, onde plantavam feijão, verdura, milho, tinham criação de galinhas, vacas e outros animais, produziam muitas frutas também como laranja, pêssego, caju. Trocavam o que tinham com os vizinhos. Sendo assim, tinham fartura de alimentos e peixes. Assavam peixes no chão com arame. Para cozinhar, traziam água do morro. Utilizavam remédios caseiros, tinha benzedeira que era uma beleza, dona Melo, curandeira e parteira também. Dona Zita e seu Zito nasceram no bairro do Tabuleiro, todos por partos em casa. O avô deles ia à Paranaguá em carro de boi, demorava meio-dia de viagem para ir. Lá trocava alimentos também.

Um dos moradores antigos, Dona Luzia, de 107 anos, estava viva na época. Nos disse que Tadeu tinha um cinema e um avião. O Cine Sereia, o qual ela frequentou na infância e juventude. Tadeu construiu seu próprio avião e também foi o primeiro surfista da cidade, com uma prancha de madeira. Seu Pedro Buia, tinha um Bar do Banhista, que tinha um bolinho de camarão muito famoso e aos sábados ele

fazia um baile. Falou da Mercearia e da venda do seu Bonatto, que tinha sacas de alimentos e também balas e doces que a criançada adorava.

Gostavam muito da época do ano que aparecia o peixe tainha, era uma verdadeira festa, tinha todo um ritual de cercar o peixe, chamava-se de espiada Tainha, a hora que ela boiava.

Ambos gostavam de Matinhos antigamente, agora acham que está muito movimentada e pensam que, com a engorda da praia, vai ser mais movimento ainda.

Os pais da dona Zita também tinham um salão de baile, na sede do tabuleiro, os irmãos dela passavam o tempo inteiro indo pegar baldes e mais baldes de água no morro para encher a caixa d'água para o baile e também tinha 32 liquinhos para iluminar o salão. Os avós deles foram Otilia Ramos e Urbano Ramos, uns dos primeiros moradores da cidade. A família foi se misturando com outras tradicionais da cidade, Viana, Santana, Mesquita, Ferreira e Silva.

Dona Zita gostava muito quando chegavam os meses de festas juninas, dançavam até de manhã, fazendo bailes em um campo de futebol. Na Comunidade da Palmeirinha, havia a festa mais antiga da cidade em homenagem a Bom Jesus da Palmeirinha, do dia 03 ao 07 de agosto.

Seu Silo tocava cavaquinho nas Festa de São Gonçalo, Boi de Mamão, Cavalo Marinho e Tubarão. Todas típicas daquele tempo. Como foi gostoso e gratificante escutar essas histórias, os idosos sempre têm uma grande vivência para nos relatar.

Eu adorei fazer essa ICH, ainda mais quando tinha essas riquezas de rodas de conversa. Meu projeto de aprendizagem foi sobre os pescadores artesanais e suas histórias de Matinhos, eles me dão muitas ideias.

Em um outro momento a professora Neusa nos pediu que fotografassem um local que gostávamos bastante na cidade de Matinhos, eu fotografei a primeira caixa d'água da cidade, localizada no Pico de Matinhos, várias pessoas já fizeram o pedido para torná-la um monumento tombado, fizeram o pedido junto ao IPHAN, ao Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ainda não obtiveram respostas. Tenho receio que, com o tempo, ela se deteriore e desapareça. Quando puderem, sentem lá e observem, o lugar é muito agradável e pitoresco.

Desde muito pequena, esse é um lugar especial, eu chamo de farol, mas não é, gosto de ficar sentada no patamar, olhando as pessoas, turistas e moradores, olhar em volta a paisagem, me sinto muito em paz.

No dia 01 de fevereiro tivemos uma conversa com Afonso, nosso egresso da Geografia e diretor da associação da Vila Nova. Ele nos contou que quando chegou em Matinhos, veio com a família, esposa e uma filha de cinco anos no ano de 2016. Em 2017, começou a cursar Geografia na Universidade Federal do Paraná, setor litoral. Egresso na primeira turma do curso, foi sua primeira graduação, era um curso novo na Universidade. Iniciou com mais de quarenta anos, nos contou que foi angustiante, pois todos os colegas de classe estavam na faixa de 20 anos. Aos poucos começou a se entrosar. Eu iniciei o curso com bem mais idade que ele e concordo que no início assusta. Nos contou sobre a professora Katuta, a professora do curso, pessoa excepcional. Foi se adaptando e viu que estava no lugar certo, no lugar onde precisava estar. Começou a fazer parte na associação de moradores da Vila Nova, conheceu Eliziane, que ajudou muito na associação, trazendo o EJA para lá, motivando as pessoas a fazer o ensino médio, isso motivou os calouros que conseguiram fazer com que o curso se concretizasse.

Leda, sua esposa que fez o curso de licenciatura em ciências, incentiva muito as pessoas a ingressarem na UFPR, isso continua sendo muito gratificante para a associação. Estimula muito o pessoal a retomar os estudos e aos que estão no segundo grau, tentarem a Universidade. Como diretor da associação, foi convidado a fazer revisão do plano diretor, para verificar os produtos que fazem parte desse plano, Afonso disse que, por exemplo, partes de assuntos como engenharia, não faziam parte dos saberes deles. Avisam que vai ter uma audiência pública em tal lugar, e são convidados a participar. Mas onde anunciaram? Onde foi publicado? Quem avisaram? Eles precisam ficar atentos, pois quase sempre não são avisados.

O professor Flávio Villaça da Universidade de São Paulo (Usp) define plano diretor como: Um plano que, a partir de um diagnóstico da realidade física, social, econômica, política e administrativa da cidade, do município e de sua região, apresentaria um conjunto de propostas para o desenvolvimento socioeconômico e organização espacial dos usos do solo urbano, das redes de infraestrutura, elementos fundamentais da estrutura urbana, para a cidade e para o município. Tais propostas

são definidas para curto, médio e longo prazos, e aprovadas por lei municipal. Villaça, 1999, p. 238). O plano diretor de Matinhos é interessante, o que foi definido, tem que ser cumprido. Por exemplo, se o projeto for para virar uma praça, ela tem que ser feita. Se está no plano diretor, falando de qualquer assunto, a prefeitura tem que cumprir. As ações do Plano Diretor constitui lei Municipal aprovada que tem que ser cumprida, senão fica fora da lei. O Plano Diretor é uma lei municipal, elaborada pelo poder executivo (Prefeitura) aprovada pelo poder Legislativo (Câmara de vereadores), que estabelece regras, parâmetros, incentivos e instrumentos para o desenvolvimento da cidade. Ele atua em sentidos distintos, porém complementares. É dever da cidade regulamentar o plano diretor, da forma mais correta e transparente possível.

Gostei muito dessa conversa, aprendi coisas que me abriram um leque de questionamentos.

A Reinvenção dos Territórios e das (RE)Existências

Professora responsável: Letícia Ayumi Duarte

Nos encontros com a professora discutimos que território é um conceito estruturante, assim como o mundo pode ser entendido por meio de outros conceitos igualmente estruturantes da geografia como espaço, território, região ampla e paisagem. Todo território é um espaço, nem todo espaço é um território.

Desterritorialização é outro conceito bastante utilizado na geografia: É assim definido como um processo voluntário ou forçado, violento, de perda de território, de quebra de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, de dificuldade no acesso de territórios e recursos. (Haesbaert, 2004,). Segundo o professor Carlos W. Porto-Gonçalves (Professor da Universidade Federal Fluminense), a reinvenção é uma dinâmica da apropriação e os territórios têm relação com o poder. O processo de desterritorialização tem uma motivação e pode ser: Econômico, Cultural, Social ou Ambiental.

Também foi abordado no módulo as resistências dos povos tradicionais, a partir da questão: Como um grupo subalternizado pode resistir? Não existe outra coisa, precisa de reconhecimento e redistribuição. Existem grupos diferenciados que têm necessidades distintas, essa redistribuição depende da necessidade de cada povo. Todos os povos tradicionais sofrem muito com a invasão de suas terras, basta um interesse pelas terras por parte de algum político, militar ou grande empresário, que são obrigados a aceitarem outro local para morar. Questão de comunidades, como eles se reúnem, se articulam e tentam identificar um debate. Como resistir para que sua luta de classe não se perca num debate de como manter a terra no coletivo. A partir de quando começaram a surgir os parques nacionais e outras grandes obras em locais onde já habitam determinados grupos, fazendo com que esses mesmos sofram com essa transformação territorial, pois tem suas atividades primárias (caça, pesca, plantio) limitadas, em detrimento da expansão territorial governamental.

Os povos Indígenas então, desde 1500 são enxotados de suas terras, massacrados e assassinados. Na época da ditadura, foi criado o presídio Krenak, não era possível prender os indígenas junto com os brancos, precisava de um espaço diferenciado para garantir a sua segurança, virou quase um campo de concentração. Esse presídio usava torturas, estupros etc. Se algum indígena fugisse, eram caçados e mortos. Espaço formal do Estado brasileiro, mataram os indígenas Krenak e ficaram com toda a terra deles, o nome oficial do local era reformatório Krenak, quando ele foi desativado, essa etnia ficou mal vista perante as outras tribos, pediram uma retratação. O Estado brasileiro foi condenado a se retratar, foi uma reparação coletiva. Deveriam ter mais mulheres dos povos e comunidades tradicionais participando das políticas públicas.

Nos dias 09, 10 e 11 de junho de 2023 fizemos um trabalho de campo para Guaraqueçaba, acompanhando o trabalho de campo dos calouros e, nesse módulo, a fim de conhecer um pouco as dificuldades dos povos tradicionais de lá. Paramos no Salto Morato, onde fomos recebidos por dois biólogos da fundação O Boticário, com toda aquela conversa de preservação. Na verdade, esse modelo de implementação de Unidade de Conservação (UC) interdita os moradores dos vilarejos que foram expulsos e vivem em condições miseráveis. Fazer a retirada de forma manejada do palmito era o trabalho deles. O senso comum afirma que o homem destrói tudo, não

é bem assim, muitos povos originários e de comunidades tradicionais historicamente manejam a floresta, contudo, o sustento de algumas famílias foi tirado pelo impedimento do acesso à área pela fundação O Boticário.

Outra coisa que reparamos foram as construções de novas igrejas. Quando o Estado democrático de direito não chega, chegam às igrejas, explorando a miséria dos povos que pagam religiosamente o dízimo de 10%. Isso é uma face do processo de eliminação dos povos originários e comunidades tradicionais. Os moradores que saem dos quilombos, vilarejos, aldeias etc, saem de suas moradias e vão morar nas periferias das cidades grandes, aumentando assim os bolsões de pobreza.

Conhecemos Edna e Eleidiana, da Barra do Ararapira, comunidade localizada no Superagui, onde residem 38 famílias. Trata-se de uma comunidade de pescadores e está cada vez mais complicada a situação por lá, pois estão perdendo muitas casas pela erosão. Eles não têm energia elétrica, contam com uma barca para levarem as crianças para estudar em Ariri. Após muita luta, conseguiram uma escola estadual e uma municipal onde estudam 6 crianças na escola municipal e na estadual 5 no turno da manhã e 4 da tarde. Eles nem podem receber merenda escolar, pois não tem geladeira, quando trazem alimentos, precisam ser consumidos em dois dias, por isso, acessam somente alimentos enlatados. Acha uma falta de interesse deles, inclusive ela solicitou que deixassem o lanche na sua casa pois tem um freezer que abastece com gelo, eles não aceitaram. Edna estudou na escola das águas até o primeiro ano, agora ela fez o Encceja e está fazendo faculdade de Educação Física à distância (EaD), ela sonha em dar aula para a comunidade. A média de idade é de 11 a 18 anos. O sogro de Edna, senhor Rubens Jorge Muniz, colocou folhas de cataia para fazer chá, resolveu colocar as folhas na cachaça e ficou muito bom. A Emater (Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural) reuniu as mulheres da comunidade para fazerem cataia, mas não levaram adiante, elas resolveram fazer por si próprias. Começaram a associação com 22 mulheres, restaram apenas 5. Elas entram em trilhas de meia hora mata adentro sobem em árvores e pegam as folhas, fazem a cachaça e vendem, o lucro é repartido. Estão em discussão com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), porque muita gente está indo lá pegar muita folha de cataia que só tem em Superagui.

Barcos grandes de Marujá, Cananéia, Ilha do Cardoso, vem e saem carregados das folhas de cataia, que são embaladas e vendidas como se fossem das mulheres de Ararapira. A árvore cataia é de difícil reprodução, até crescer, demora muito. A associação já está registrada, estão juntas há mais ou menos 23 anos.

A população de Superagui aumentou muito, se apossaram de terrenos e cercaram com bambu. A principal fonte de renda da comunidade é a pesca, as famílias têm 10 barcos, a Força Verde está sempre aplicando multas aos pescadores. Nos contou também que esse ano dois estudantes irão terminar o ensino médio, e provavelmente a história escolar deles se encerra porque não têm condições de saírem para continuar os estudos. Ela acha que a prefeitura deveria pagar para algum estudante se formar e voltar para passar os ensinamentos aos demais.

Tivemos também um encontro com a professora Rosália, da comunidade de Barbados. Ela nasceu e estudou lá até a quarta série, estudou um ano em Paranaguá e voltou. Começou a lecionar aos 16 anos, iniciou o magistério e fez pedagogia, quatro anos indo e voltando, fez pós na Universidade Federal do Paraná (UFPR) no curso de especialização em questão social. Também lutaram para ter uma escola, ela só tem uma sala, cozinha e banheiro e não tem luz elétrica. Ela e as crianças plantaram uma roça de arroz na escola, apesar das interdições do ICMBIO. É desse modo que muitos foram perdendo uma tradição de família por conta da condução equivocada dos processos de conservação ambiental. Nessa colheita conseguiram 5 litros de arroz ou quatro sacos.

Rosália é tudo na escola, dá aulas para todas as séries, os alunos foram crescendo, casando e constituindo família. Ela agora, conta com a ajuda de outra professora que está se acostumando com os alunos. É preciso ser professora dali da comunidade mesmo, que conheça os moradores, que tenha vivência com as demandas daquele local.

Barbados espera pela escola municipal. Muitos adultos são analfabetos, Rosália queria abrir um curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas não dá para ser à noite, pois não na escola tem luz. Tem 17 alunos esperando para serem alfabetizados. Assim, verifica-se que se precariza mais o que já está precarizado.

Tentaram instalar placas solares, mas sem sucesso, pois as mesmas já deram problemas. Rosália acha que deveriam lutar mais para a chegada da energia. Essa comunidade é composta por 86 pessoas.

Outra roda de conversa foi com o pescador Didi, liderança dos pescadores e pescadoras artesanais do litoral Paraná, habitante da ilha de Tibicanga. De acordo com ele, o Movimento dos Pescadores Artesanais (MOPEAR) foi socialmente organizado tendo como referência o Decreto 6040/2007 da OIT, que é a convenção 169 que reconhece e defende os direitos dos povos e comunidades tradicionais.

Didi nos contou que antes eram livres, caçavam, faziam roças, pescavam, entravam e saiam, construíam ranchos de pesca, cortavam madeira, trocavam caça por pesca, arroz por milho etc. Chegaram as empresas agropecuárias, derrubando florestas para fazer criação de búfalos.

A partir dos anos 1980, foram criadas unidades de conservação (UCs) e, com isso, foi criado o Parque Nacional do Superagui, algumas comunidades acabaram por desaparecer com as de Ararapira Velha, Rio dos Patos, Laranjeiras etc. A comunidade resolveu organizar uma associação de moradores, pois muitos eram humilhados diariamente pelo IBAMA, polícia, força verde. O estado do Paraná estava criando um Recife anti arrasto, fizeram um movimento social.

O Ibama criou um plano de manejo e, com ele, 14 comunidades seriam expulsas. Houve estratégias de colocar as comunidades umas contra as outras, para que elas não se unissem, facilitando sua eliminação. Eles não sabiam como fazer, então Didi foi procurar uma Universidade, estudou Direito para aprender as leis. A lei diz que as comunidades tradicionais têm o direito de fazer o que for preciso para o bem viver deles, caçar, pescar, construir suas casas, enfim, ir e vir. Foi feito o plano de manejo, movida uma ação judicial contra o Estado, a lei foi decretada e eles não podem desrespeitar os direitos dos pescadores. Foram para cima da polícia para garantir o território para que as futuras gerações não corram riscos, como foi a vida deles anteriormente.

Didi disse que existe a Rede Puxirão, que é uma organização de povos e comunidades tradicionais aqui do Paraná. . A Rede discute que a justiça é um direito deles. Denunciou que muitas escolas não tem nem onde sentar para comer. Didi

comentou que o curso de Educação do campo só tem o título, porque de educação do campo não tem nada, UFPR, CEM são todos sacana. O protocolo de consulta dos pescadores artesanais, têm recursos para a regulamentação fundiária. ICMBIO, SPV - 869 - Lei - A Universidade trouxe um pacote pronto e o MOPEAR não aceitou. O território começa no rio da pescada picadão e termina no rio da cortiça, tem parque que é da união, e tem parque que não estadual/federal - 78 práticas foram engolidas, já fizeram o termo de compromisso. Alguns tipos de pesca são proibidas no Paraná, cerco-fixo, caracol- lança-se a rede e é fechada no fundo. Isso os prejudica também.

Estão sendo engolidos novamente pelo governo contrário ao presidente Lula. A comunidade Sebuí está ameaçada de fechar, assim como a escola, precisam lutar para isso não acontecer, a carta de anuência é necessária para reivindicar o não fechamento dessa escola. As duas escolas que estão ameaçadas de serem fechadas, foram construídas pela própria comunidade: a escola Tibicanga atende 8 comunidades, os professores não têm capacitação, o núcleo regional diz que quem tem que discutir com os povos que têm o poder da caneta. Quando foi fechada, a Defensoria Pública e o Ministério Público, decretou que fosse aberta em 78 horas. Eles querem uma escola do campo de verdade, não essa que a Universidade está maquiando.

Os alunos que estão na escola, desistem de estudar e vão trabalhar, pegar caranguejo, o camarão da época, preferem trabalhar do que ficar na escola. Cinco comunidades ainda não possuem escolas. É muito importante saber os direitos e deveres dos povos tradicionais.

Nos organizamos em uma campanha para levar doações de alimentos e materiais de higiene na Tekoa Kuaray Haxa, em Antonina, lá pudemos ouvir as lideranças, Werá Rivelino, Eliane e Waldemir. Suas lutas diárias pela legitimação de seu território, acesso à saúde e à educação. O direito à terra lhes foi tirado há mais de 500 anos.

Esse foi um dos trabalhos de campo que mais gostei, conheci pessoas muito experientes, e escutei conversas construtivas para minha caminhada como educadora, Katuta e Letícia se esforçaram muito para nos proporcionar esses encontros, tiraram dinheiro do próprio bolso, gratidão por esse aprendizado.

Síntese do terceiro semestre

Estes dois módulos abordam diferentes perspectivas sobre a relação entre a sociedade, o espaço geográfico e a natureza.

Natureza e espaço geográfico: Um olhar sobre o mundo, discute a interação entre o ser humano e a natureza dentro do conceito de espaço geográfico, este é entendido como o palco das atividades humanas, onde a natureza é modificada e apropriada para diferentes finalidades econômicas, sociais e políticas. A natureza, nesse contexto, não é apenas um recurso, mas também um fator determinante nas dinâmicas espaciais, afetando as condições de vida e as formas de organização das sociedades. O olhar geográfico permite compreender as relações de poder, as desigualdades socioambientais e os desafios globais, como as mudanças climáticas, a degradação ambiental e a necessidade de uma convivência sustentável com o meio ambiente.

O módulo A Reinvenção dos territórios e das (RE) Existências foca na noção de território, que vai além de uma delimitação física e geopolítica, abrangendo também aspectos culturais, históricos e simbólicos. Refere-se às maneiras como diferentes grupos sociais, especialmente aqueles marginalizados, ressignificam e reinventam seus espaços, resistindo às forças de homogeneização global. As (re) existências são expressões de resistência cultural e territorial de povos indígenas, comunidades tradicionais, e movimentos sociais que lutam pela preservação de suas identidades, direitos territoriais e modos de vida. este conceito busca destacar os grupos que, apesar de enfrentarem todos os tipos de opressões, encontram maneiras de manter suas práticas e cultura, adaptando-se às novas realidades globais sem perder sua essência.

Pudemos vivenciar essas realidades, em todas as rodas de conversa que nos foram oportunizadas em nosso trabalho de campo para Guaraqueçaba.

Ambos os módulos se entrelaçam ao refletirmos sobre como as interações entre natureza, território e cultura moldam a sociedade, e como os diferentes atores

sociais, em resposta às dinâmicas de poder, resistem e recriam seus espaços e modos de vida.

Primeiro semestre de 2023

Módulo: Diálogo de Saberes: Geografando os Projetos de Aprendizagem I

Professor responsável: Marcos Aurélio Zanlorenzi

O módulo Diálogo Dos Saberes: Geografando Os Projetos De Aprendizagem I, visa interagir com o módulo seguinte, no qual vai ser proposta uma ICH, aprimorando o nosso processo de aprendizagem, pretendendo a cidadania participativa, investigação/ação, atividade educativa e diálogo de saberes. Esses processos avaliativos e comunitários, são de suma importância frisarmos que, jamais precisamos chegar com problemas prontos mas escutar as demandas das comunidades, pretendendo com isso, uma interação comunitária e até mesmo a criação coletiva de critérios avaliativos dessas vivências.

Tertúlia Literária

A tertúlia literária dialógica é uma atividade cultural e educativa desenvolvida a partir da leitura de livros da literatura clássica universal. A finalidade não é interpretar o que diz o autor(a), e sim referenciar a obra para falar sobre a vida e a humanidade, descolonizando o conhecimento. O motivo principal é promover espaços de diálogos igualitários. Está sendo desenvolvida em vários países e com diversos grupos de adultos, terceira idade, grupos de pais e mães, de mulheres etc. Essa atividade está relacionada à educação de pessoas adultas. Reúne pessoas interessadas em ler e

discutir um livro em reuniões semanais de duas horas, que escolhem conjuntamente um livro, lêem, debatem com amigos e familiares, diferentes interpretações do mesmo texto. Na semana seguinte, cada participante traz um debate a ser discutido, pois cada indivíduo tem uma interpretação, gerando assim mais aprendizagem para todos. Todas as falas são igualmente respeitadas, cada pessoa tem a sua cultura. Ao longo da vida, aprendemos muitas coisas e de muitas maneiras, às vezes mudando alguns conceitos e transformando pensamentos e modos de vida. Somos seres em constante evolução, isso significa que todos temos o direito de pensar de maneiras diferentes.

Esse texto é fundamentado em como explicar o que é cidadania para grupos em situações de vulnerabilidade, e como são seus acessos de direitos dependendo onde estão situadas, transformar relações entre pessoas e o poder público, dando a elas mais autonomia sobre seus direitos de cidadãos. Visto que todos temos direitos mas nem todos têm acesso a ele. Ressalta também que a educação informal tem o seu valor e que precisamos estar próximos à comunidade para saber, de fato, as suas necessidades. O principal motivo da educação é transformar o ser social a favor de construir uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. O grupo participa nas lutas e esforços para a melhoria das condições de vida de todo mundo.

Cidadania Participativa

“Às vezes penso que se fala em cidadania como se fosse um conceito, muito abstrato, com certa força mágica, como se, quando a palavra cidadania fosse pronunciada, automaticamente, todos a ganhassem, ou como se fosse um presente que políticos e educadores dessem ao povo.” (Paulo Freire, 1996)

O que é cidadania pra você? São direitos e deveres, mas depende de onde o cidadão está inserido, cidadania não é para todos. A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Virgínia Guichot afirma: “Falar em democracia é falar de justiça social.”

Sobre a cidadania e a democracia, perante a constituição cidadã de 1988, que foi muito bem escrita, mas não é usada dessa forma, perante a lei somos todos iguais, mas na verdade, não. Os direitos não são iguais para todo mundo. A condição de cidadania tem estado sempre associada à exclusão de outras pessoas que não eram

cidadãos, como antigamente, mulheres, crianças e escravos. A cidadania não é só um direito político, mais do que isso, exige uma equidade nas relações nas quais se enquadra, porque o exercício da mesma, é subvertido pelas diferenças sociais. O capitalismo vem de uma falsa cidadania, a lei pode ser usada de muitas formas. É preciso se organizar politicamente através do comunitário.

Para Hall (1981, 2001), a Investigação Participativa pode ser definida da seguinte forma:

- O problema surge na comunidade, que o define, o analisa e o resolve.
- O objetivo final da investigação é a transformação radical da realidade social e a melhoria da vida das pessoas envolvidas. Os beneficiários da investigação são os próprios membros da comunidade.
- A Investigação Participativa exige a participação plena e integral da comunidade durante todo o processo de investigação. A Investigação Participativa abrange toda uma série de grupos de pessoas despojadas de poder - explorados, pobres, oprimidos, marginalizados etc.
- O processo de Investigação Participativa pode suscitar naqueles que intervêm uma melhor tomada de consciência dos seus próprios recursos e mobilizá-los com vistas a um desenvolvimento endógeno.
- Trata-se de um método de investigação mais científico que a investigação tradicional, no sentido em que a participação da comunidade auxilia na elaboração de uma análise mais precisa e autêntica da realidade social.
- O investigador aqui é um participante comprometido que aprende durante a investigação, adotando uma atitude militante e evitando refugiar-se na indiferença.

O Perigo de uma História única

Chimamanda Adichie é uma escritora Nigeriana nascida em 1977, assistimos ao vídeo em sala de aula. No vídeo (ano?) ela conta que quando criança, eles tinham um empregado, sua mãe falava que ele era pobre e não tinha nada, em uma visita no vilarejo dele, Chimamanda viu uma cesta pintada linda, como eles não tem nada se seu irmão pintou uma cesta linda dessas? Às vezes pensamos assim, somente um lado da história. Não se pode ouvir uma história só de um lado, tem que conhecer o assunto como um todo, ver vários lados.

Será que podemos pensar um pouco como a gente vive no litoral? Os conhecimentos da comunidade local. Alguns pensam que são pescadores, só pescam, mas não vêem que eles entendem de outros assuntos, como por exemplo,

construir a embarcação, as redes e outros apetrechos da pesca. Todo pensamento tem cor, lugar de origem, gênero e produções sócio-culturais.

Os países do Norte, colonizaram os países do Sul, esses, depois colonizaram outros países. O mundo moderno ocidental compreende o resto do mundo como "Outros espaços coloniais". Ontologia, o ser só pode ser de um jeito. Para os colonizadores, os colonizados, não eram seres humanos, só consideravam um único tipo de ser, eles não têm alma, portanto, podem ser colonizados, assassinados e dominados.

Nós devemos evitar essa forma de pensar única. Quando falamos em produção de conhecimento para se ter um produto, precisa de mão de obra, matéria prima, meios de produção. Se o conhecimento é o produto, então somos mão de obra (professores). É melhor substituir a palavra produção por criação, geração, construção. Cria, gera, constrói. Os saberes são gerados na luta, no campo, e não dentro de gabinetes.

Na África, aldeias ainda escravizam pessoas de outras aldeias em troca de dívidas feitas. Sub global, refere-se às regiões do mundo que foram submetidas ao colonialismo europeu e que não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao norte global. Sul Global, países colonizados pelos europeus, pela cultura eurocêntrica. Toda experiência social produz e reproduz conhecimentos.

A partir do momento que você se sente inferior, sua dignidade é roubada. A questão não é igualar os saberes, é necessário respeitar o limite de cada um deles.

Estágio III: Identidades e Compromissos Nos Espaços Educacionais

Professora responsável: Letícia Ayumi Duarte

Formação concentrada do sexto ao nono ano do fundamental, objeto de estudo principal é o Espaço que pode ser algo bem pequeno, reduzido ou amplo. Primeiro ao quinto, importante saber o que os alunos estudaram como objeto de estudo principal, é importante desenvolver no aluno raciocínio espaço-temporal, a realidade é dinâmica, ela se transforma, muda.

Sexto ao nono ano, perspectiva de temática associada à noção de escala. Temas: Biosfera - clima, relevo, vegetação. Espaço. A importância de se pensar nos objetivos da educação geográfica. Como foi a transição? O Aluno tem que entender os objetivos e entender que papel tem no mundo atual, o que ele pode fazer para transformar. Colocam um conjunto de conteúdos que o aluno tem que cumprir, senão não podem passar para o próximo ano, mais conteúdo, menos objetivos.

A mídia reforça esse estereótipo comum da Geografia, nunca houve um debate politizado, tipo National Geographic, nunca mostravam a fome, a miséria, mostravam lugares bonitos, culturas exóticas, comidas tradicionais.

Vou citar um exemplo próximo, Guaraqueçaba, aparecem fotos maravilhosas, estilo selvagem e centrinho, os recursos naturais são coisas que aparecem, ao invés de dinâmicas sociais. Na década de 1930, surge a escola nova no Brasil, a escola tradicional, era criticada pela ênfase que dava aos conteúdos de maneira descontextualizada.

Os desafios são muitos, temos que encontrar as lacunas para preencher. Conversamos sobre métodos de ensino em sala de aula, comportamento, o que falar e como agir, cada classe tem seu perfil e cabe ao professor o papel de uma figura segura, forte, por diversas vezes ele tem que assumir uma postura de salvador. Discutimos várias formas de chamar a atenção quando os estudantes estão agitados. Peterson nos contou algumas experiências engraçadas, o mais bagunceiro, fazia que estava bravo com os outros para acabar a bagunça. Em outro momento ele entrou na sala e estavam todos quietos, ele perguntou o que aconteceu, uma menina que sempre contava os acontecimentos correu contar: Você não tem noção professor, a outra professora estava falando mal da outra para a coordenadora, quando a professora entrou, o outro menino contou, aí deu uma briga no corredor, e quando falam mal dele (Peterson), as crianças contam tudo.

Moisés nos contou sobre um estágio que fez um desenho na cartolina, ficou meio zoadá, o professor perguntou o que ele aprendeu com isso, um coleguinha disse: aprendeu que ele não sabe desenhar, isso pode causar um trauma na criança.

O professor às vezes tem que assumir um papel, um personagem.

Falamos sobre o medo de falar em público, eu sou uma que não consigo falar, fico tão apavorada que falo de forma desconexa. Letícia falou sobre uma amiga que menstruava cada vez que tinha que falar para mais pessoas, não conseguiu falar nada quando teve que defender sua tese no mestrado, na próxima vez, não foi avisado para ninguém, aí ela conseguiu.

Luiz Gustavo falou como conseguiu acabar com as bolinhas de papel, usando o emocional.

Precisamos dominar o conhecimento a ser passado e saber ensiná-lo, de formas diferentes, que prendem a atenção do aluno, saber gerenciar uma sala de aula. Compreender os condicionantes da prática educativa que vão além das atitudes docentes.

Entender e saber lidar com a complexidade do cotidiano escolar, conhecer o aluno, suas necessidades de aprendizagem.

Debate sobre autismo

Nosso colega Peterson é PAEE (professor de atendimento educacional especializado) no colégio onde trabalha, faz esse trabalho com dois alunos.

Diariamente faz o relato de cada um e uma vez por semana, entrega para os psicólogos e pedagogos e, em seguida, eles passam o método a ser trabalhado na próxima semana.

A inclusão do autista no ambiente escolar. Desnaturalizar o comportamento. Perguntar para o professor, como ele costuma agir quando ocorre um acontecimento inesperado em sala de aula.

Várias professoras acham que as crianças devem ir para escolas especiais para alunos com comportamento agressivo. O estado deveria dar capacitação para os professores saberem interagir com os alunos autistas, alguns professores não sabem como trabalhar com essas situações. Paes, capacitar para descobrir os sete tipos de autismo, às vezes a criança tem três de uma vez.

A professora Letícia nos orientou a trazer assuntos sobre o nosso interesse. Vou me informar mais sobre o TOD (transtorno oppositor desafiador). É um transtorno infantil caracterizado por comportamento desafiador e desobediente a figuras de autoridade. A causa do transtorno desafiador de oposição é desconhecida, mas provavelmente envolve uma combinação de fatores genéticos e ambientais.

Os sintomas geralmente começam antes da criança completar oito anos de idade. Eles incluem humor irritável, comportamento argumentativo e desafiador, agressividade e índole vingativa que duram mais de seis meses e causam problemas significativos em casa ou na escola. O tratamento envolve terapia individual e familiar. As crianças com transtorno desafiador opositivo são teimosas, difíceis, desobedientes e irritáveis, sem ser fisicamente agressivas e sem de fato violar os direitos alheios. O transtorno desafiador positivo é, às vezes, considerado uma apresentação mais branda do transtorno de conduta. Conversamos também sobre o estágio, Letícia nos pediu para observar a sala como um todo, participação, como instigar as crianças a falarem, metodologias, limitações do professor, observar e não pensar em soluções fáceis. Pensar em recursos.

Iremos apresentar um trabalho sobre educação, meu tema é a Transição da Educação infantil para o ensino Fundamental. Fizemos também o fichamento do texto: A transição da Educação infantil para o ensino fundamental que apresento nas linhas que seguem.

Introdução. Este capítulo discute a importância da curricularização da educação infantil e a obrigatoriedade entre crianças dentro da faixa etária de 0 a 06 anos estarem matriculadas em instituições de educação infantil embasando-se nos preceitos da Constituição Federal de 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996. Trazendo a concepção de que a criança é um ser de direito social, histórico e cultural. A educação infantil, portanto, deixa de ter um caráter assistencialista e passa a ser obrigatória na educação básica. A Educação Infantil como Obrigatoriedade na Educação Básica. Integrar a educação infantil na educação básica é buscar a superação da dicotomia entre “educar e cuidar”, ou seja, dar uma nova característica à pré-escola abolindo a concepção de que a educação infantil é apenas um depósito de crianças pequenas. Propondo então uma mudança no princípio entre educar e

cuidar para que possa exercer funções de ensino aprendizagem na educação infantil a partir de atividades lúdicas em situações pedagógicas orientadas pelos professores tendo como referencial o construtivismo.

E na pré-escola é subentendida a ideia de que a criança deve brincar mas também que devemos nós preocupar com “educar”, tal ação portanto deve ocorrer sem que se imponham à criança conteúdos curriculares, principalmente aqueles referentes à alfabetização, que entretanto pode promover a ruptura entre educação infantil e ensino fundamental. Transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Todavia, a discussão sobre a mudança de planejamento de atividades na educação infantil está elencada a ampliação do ensino fundamental, de acordo com o Programa Nacional de Educação (PNE- Lei nº10.172), tornou obrigatório a matrícula com seis anos de idade no ensino fundamental. E em 2006, essa determinação tornou-se a lei nº11.274., que estabeleceu a duração de nove anos para o ensino fundamental universalizando de 6 a 14 anos a partir da lei nº11. 274, que estabeleceu a educação infantil até os 5 anos alterando o artigo 7 °, inciso XXV, da Constituição Federal de 1988, estabelecendo que a criança deve permanecer na educação infantil até no máximo 5 anos (Brasil, 2006). Considerando também a realidade do país, que se refere à limitação dos meios financeiros e públicos para a educação infantil, conceda a prioridade de famílias de menor renda, ou quando os pais trabalhavam fora de casa é necessário pensar um projeto pedagógico para uma educação infantil em tempo integral. Porém, tal prioridade não como uma ação de pobre para pobres. Este plano recomenda qualidade e planejamento pedagógico para que as crianças não sejam excluídas de uma educação infantil com qualidade. Com a exclusão de crianças em situação de vulnerabilidade na Pré-Escola , o MEC aprova a lei nº11.274/ 2006 para que o maior número de crianças incluindo a de setores populares já estejam matriculadas na pré-escola ou no primeiro ano do ensino fundamental, pois acreditam que é uma equalização cultural , associando o aumento do número de anos às melhorias das condições de aprendizagens sistematizadas. Entre as orientações fornecidas pelo MEC, reconhece que o objetivo não é preparar crianças para o ensino fundamental, uma vez que essa etapa da educação básica possui objetivos próprios, em relação ao ensino fundamental, uma vez que essa etapa possui objetivos próprios. Ao que corresponde ao ensino fundamental é repensar os projetos políticos pedagógicos, especialmente aqueles que se referem a concepção

de infância, alfabetização, letramento, desenvolvimento humano, processos de aprendizagem, metodologias de ensino e organização do tempo escolar e seu currículo, definição de políticas formação continuada, instalações físicas etc. Também é necessário repensar a fragmentação do trabalho realizado pela educação infantil e ensino fundamental. O principal objetivo é discutir a respeito das transformações do nível psicológico, que ocorre na criança durante a passagem da educação infantil para o ensino fundamental e a preparação que a escola dá para ela nessa transição são baseadas nos pressupostos da psicologia histórico-cultural, de base marxista, para a discussão. Em primeiro momento partimos da crise dos sete anos, que aborda especificamente alguns aspectos da transição da educação infantil para o ensino fundamental e a preparação adequada que cada escola trabalha a criança em seu processo de desenvolvimento. Ao elaborarem a periodização da infância, Vigotski e Elkonin (ano?), trazem o conceito de idade cronológicas.

Síntese dos módulos

Diálogo de saberes:Geografando os projetos de aprendizagem é a troca entre diferentes tipos de conhecimentos. No contexto dos projetos de aprendizagem, ele envolve a escuta e o reconhecimento de saberes que vão além dos livros didáticos, incluindo os saberes locais e cotidianos dos educandos e das comunidades em que estão inseridos, refere-se à construção de projetos que envolvem a geografia de maneira ativa e crítica, onde o educando se torna um pesquisador do espaço que ocupa, conectando teorias e conceitos geográficos com a sua realidade. O propósito é que o educando aprenda geografando, ou seja, observando, investigando e compreendendo o espaço geográfico ao seu redor.

Segundo semestre de 2023

Diálogo de Saberes: Geografando os Projetos de Aprendizagem II

Professores responsáveis: Rodrigo Rosi Mengarelli e Valdo José Cavallet

Estava ansiosa para começar o módulo do Menga, um pouco apreensiva, pois o professor Zan havia nos dito no módulo passado, que teríamos que adaptar o nosso projeto de aprendizagem a uma ICH. Apresentamos os projetos aos professores e o entendimento foi mais tranquilo. No começo não conseguia pensar como adaptar isso, pois o meu trabalho é mais um registro de memórias.

Fiquei muito agradecida quando vi que o professor Valdo iria participar desse módulo, pois sempre tive curiosidade de ter aula com ele, ouvia o pessoal comentar que os encontros com ele eram muito satisfatórios, como estou no final do curso, pensei que não fosse ter essa vivência, realmente fui surpreendida e estou gostando da experiência. O professor Valdo nos falou sobre a importância de pensar nesses três pontos para a escolha do tema do projeto de aprendizagem:

- a) Importância para a sociedade litorânea.
- b) Importância para a educação, para a ciência e para o conhecimento.
- c) Importância para você.

O Professor Mengarelli nos passou a sua tese do Doutorado para lermos alguns capítulos e debatermos em sala de aula.

C. 5- As interações Culturais e humanísticas como eixo curricular; Os pontos e as vistas que formam imagens e esboçam possíveis projeções.

As ICHs, na minha formação, tiveram um papel importante, todas as que participei, me ajudaram a obter mais conhecimentos sobre assuntos que eu nunca teria acesso. Separei alguns trechos da tese que irei comentar aqui.

Entendo que os professores trabalham mais leves, com mais liberdade, construindo o encontro com os alunos. Sim, nós educandos, escolhemos a proposta que achamos mais interessante naquele momento, e temos a liberdade de escolher qual assunto iremos introduzir nos encontros.

Diferente de ter o conteúdo curricular obrigatório, é um desafio, uma aventura, podermos desenvolver atividades pedagógicas diferentes da nossa formação.

Os professores entrevistados também consideram um espaço de aprendizagem muito leve, onde os alunos têm mais voz, são mais ativos e trazem ao espaço seus saberes mútuos.

Um momento para resgatar a cultura, o fortalecimento das comunidades.

Acho a ICH fundamental para a UFPR litoral, alguns assuntos que abordam são essenciais para a comunidade, como a da História de Matinhos, Caiçarich, Bagrich. Acredito que meu projeto de aprendizagem quando for transformado em ICH vai ser bacana também, espero que traga um resgate de memórias para os filhos e netos dos pescadores artesanais.

Também concordo que as ICHs deveriam ser mais divulgadas à comunidade, pois poderiam contribuir muito com as demandas do litoral. Já fiz uma ICH pedagógica que me ajudou a pensar em diferentes métodos de ensino, mas também concordo que fazer ICHs diferentes, abrem um leque de conhecimentos úteis para a formação.

Alguns alunos criticaram, conforme o autor, não nego que no primeiro ano eu fiquei em questionamento, mas com o passar do tempo fui compreendendo a importância delas e também a possibilidade de conviver e trocar experiências e vivências com outros estudantes dos outros cursos, foi extremamente gratificante e enriquecedora.

Outra pauta que achei interessante, foi de ter algumas semanas para escolher a ICH que mais nos interessa. Os alunos podem passar pelas salas e ficarem um pouco em cada uma e, depois disso, efetivar a matrícula. Muito bacana essa tese do professor Mengarelli, quero ler inteira nas férias agora.

Em um outro encontro foram lidos capítulos do livro Teorias da complexidade (Edgar Morin, 2005) Considera-se que a complexidade da vida envolve a inter-relação entre os objetos, bem como as interações existentes entre eles. Abarca a condição humana, do ser humano, o conhecimento, a diversidade, a subjetividade, o ambiente, as questões econômicas, entre outros objetos, que estão inseridos nessa abordagem. Morin (2005) destaca a importância da incerteza, da contradição e da imprevisibilidade na compreensão da complexidade, e ressalta a necessidade de adotar uma postura reflexiva e crítica, que reconheça as limitações do pensamento humano diante da

complexidade do mundo. As teorias enfatizam a necessidade de uma abordagem holística, transdisciplinar e reflexiva para compreender a realidade complexa que vivemos, destacando a importância de considerar as interações, incertezas e contradições inerentes aos sistemas complexos.

O livro “Extensão e comunicação” (Paulo Freire, 1974) aborda a importância da extensão universitária como ferramenta de comunicação e transformação social.

Através de diversos ensaios e estudos de casos, o autor discute como a extensão universitária pode promover a troca de conhecimentos entre a universidade e a comunidade, contribuindo para o desenvolvimento e o empoderamento das pessoas.

Além disso, o livro também destaca a importância da comunicação efetiva na construção de projetos de extensão bem sucedidos, ressaltando a necessidade de estabelecer diálogos e parcerias entre a universidade e a sociedade. Com uma abordagem multidisciplinar, o livro oferece reflexões e orientações para professores, pesquisadores e estudantes que desejam se engajar em projetos de extensão universitária e ampliar o impacto positivo da universidade na comunidade.

Nos dividimos em grupos e fizemos perguntas para serem trocadas entre nós, atividade de rotação.

Por que Paulo Freire critica a prática da extensão rural?

A crítica de Paulo Freire é que a extensão rural (tecnologia do campo) não é algo libertador, mas extensão dos ideais capitalistas sobre esses territórios, em troca de convencer a população sobre modelos impositivos dos grandes capitalistas, gerar emprego. Situação essa que nunca acontece, pois a empresa já vem com seus empregados. O educador vai até a comunidade, impõe atividades e seu conhecimento em detrimento do conhecimento e da cultura local.

O que Paulo Freire falava sobre “Inovação Cultural?”

Quando o educador deslegitima o conhecimento empírico local da comunidade. Paulo Freire diz que ao pesquisador adentrar com seu projeto na comunidade, ele não leva em consideração o conhecimento e anseios locais.

Aproximação semântica - Área da linguística que estuda o significado e a sua relação com o significante.

Semântica - Relação de duas ou mais palavras que possuem significados iguais, ou seja, semelhantes, sinônimos. Ex: Cara/Rosto, Quarto/Dormitório.

Equívoco gnosiológico: O momento de ensino e aprendizagem do conhecimento já existente e o momento de trabalhar a produção do conhecimento não existente.

Gnosiologia - A parte da filosofia que estuda o conhecimento humano.

Sabor do saber: Ouvir para aprender. Lemos o texto e debatemos em sala de aula. O sabor do saber é o ato de ouvir para aprender. A capacidade de absorver conhecimentos e compreender conceitos através da escuta atenta. É a disposição de ouvir as ideias dos outros e estar aberto a novas informações. O sabor do saber está na troca de experiências e na busca por novos aprendizados, aproveitando a riqueza de conhecimentos que podem ser adquiridos através da escuta ativa.

É uma abordagem que valoriza a humildade intelectual e o reconhecimento. Assisti o documentário, Paulo Freire 100 anos e li um texto do professor Valdo (ano?), "Caminhando através dos tempos com a Amorosidade de Paulo Freire." Um texto bem pedagógico, onde ele aponta a importância do Paulo Freire na trajetória de luta dele durante sua formação e sua caminhada como grande educador. Ele foi de grande importância para a constituição da UFPR litoral. Paulo Freire sempre foi um defensor da amorosidade em seus métodos de ensino. Ele acreditava que a relação entre professores e alunos devia ser marcada pelo amor, respeito e compaixão, em vez de autoritarismo e imposição. Ao longo de sua vida, ele caminhou defendendo a ideia de uma educação libertadora, que capacita os alunos a questionar, refletir e agir de forma crítica diante das realidades sociais. Ele dizia que a prática educativa deve ser um ato de delicadeza, empatia e justiça, guiado pela busca por uma sociedade mais justa e igualitária, uma abordagem educacional que prioriza o diálogo, o afeto e a solidariedade, em vez de simplesmente transmitir conhecimento de maneira autoritária.

No dia 18/11, apresentei a minha ICH, no começo, como citei anteriormente, fiquei bem perdida, mas com o passar dos encontros e dos textos lidos, fui entendendo aonde os professores queriam chegar, nos ensinar, foi uma maneira de nos inserir como educadores, as ICHs são uma troca de ideias, valores, tradições e conhecimentos entre diferentes culturas, com base em uma abordagem que valoriza a humanidade e sua diversidade. Promove o entendimento mútuo e a cooperação entre as pessoas, independentemente de sua origem e cultura.

Resolvemos que seria no LEAL (Laboratório de educação alimentar), ou algo parecido. Conversei com alguns dos pescadores que colaboraram e me concederam entrevistas no projeto de Aprendizagem e eles concordaram em ir para lá comigo, fazer uma roda de conversa e um risoto caipara para o pessoal experimentar. O Umberto levou até uma rede e agulha para entralhar, eu gostei bastante, e acho que os convidados também, ficou uma delícia o risoto do Nico. Seu irmão, Nery, falou sobre os sinais da natureza.

Ao todo foram 16 pessoas. O Mengarelli levou toda a família dele, inclusive a vizinha de 100 anos, foi muito gratificante.

Recebi umas palavras de agradecimento bem bonitas da senhora Ângela, mãe do professor Mengarelli, ela nos disse que passou horas muito agradáveis e de boa conversa com os convidados. Eu fiquei muito feliz, pois realmente também gostei de tudo.

Estágio IV: Propostas Ações como Educador

Professora responsável: Letícia Ayumi Duarte

Propostas e ações como educador

Objetivo geral - Contribuir no processo de formação e execução do estágio dos educandos no contexto do ensino da geografia na educação básica. Combinamos com a professora Letícia como será dividido o estágio, em horas de observação, regência, planejamentos e vivências em outros

espaços formativos. Sobre a Regência, ficou decidido que teríamos um diálogo e negociação com o professor supervisor para:

- Definição dos conteúdos
- Definição da carga horária
- Postura esperada
- Retorno do supervisor

A geografia que aprendemos aqui na universidade é diferente daquela que iremos aplicar na escola. Os mapas são os instrumentos principais da geografia, pois representam a superfície terrestre de forma visual e geográfica. Eles são essenciais para a compreensão e análise de fenômenos geográficos, como a distribuição de recursos naturais, o relevo, a vegetação, a urbanização, características físicas e humanas de diferentes regiões do mundo, planejamento urbano, gestão ambiental, movimentos migratórios etc.

Geografia humana X Geografia física.

Milton Santos muda toda a perspectiva da geografia, não pensamos as mesmas perspectivas dos países do primeiro mundo.

A Geografia escolar não acompanhou as transformações da geografia como ciência, cabe aos educadores atualizá-la. A cabeça pensa onde os pés pisam. Nossos pensamentos e ideias são influenciados pelo lugar em que vivemos, ou seja, pelo nosso contexto geográfico, social e cultural. A nossa percepção e compreensão do mundo são moldadas pela nossa vivência e experiências no local em que estamos inseridos.

Em termos geográficos, isso sugere que a forma como enxergamos o mundo, o nosso entendimento sobre questões ambientais, sociais e econômicas, é moldado pela geografia do lugar onde vivemos. Por exemplo, nós que vivemos em uma região costeira, temos uma compreensão diferente sobre temas relacionados ao mar, à pesca, turismo e outros aspectos ligados ao litoral, será diferente de alguém que vive em uma região montanhosa. Nossos pensamentos e ideias são influenciados pelo lugar em que vivemos.

Como podemos começar a pensar nessa inserção que fazemos na escola quando estagiamos? Precisamos ir além da mera observação do trabalho do professor supervisor e conhecer o território escolar, seus sujeitos, práticas, limites e conquistas.

A escola atende as crianças dos bairros Rio da onça, Sertãozinho, Mangue Seco, Invasão do Mangue Seco e parte do Bom Retiro. A comunidade escolar é bem carente, boa parte são bem humildes, mas bem acessíveis.

Em conversas com as pedagogas, soube que alguns pais são muito mal educados, chegam gritando por qualquer coisa e xingam as pessoas.

A Educação Inclusiva

A professora e pedagoga Zulmira Coguta é quem coordena a educação inclusiva, usa uma sala para reforço. Contam com ajudas de PAEES (Professores de apoio educacional especializados). Não tem nenhum aluno surdo, alguns autistas sem laudos, o governo não manda PAEE, tem pais que não aceitam e tem alguns autistas graves. Havia um aluno cego, cadeirante e com problemas de má formação, paralisia cerebral, estava internado desde maio, saiu do hospital, mas infelizmente faleceu neste semestre.

Em outro encontro falamos sobre os primeiros mapas da geografia física. Elaborar mapas nunca foi uma atividade menor ou livre na história do ocidente. Traçar os limites da nação assim como organizar os seus espaços interiores era uma tarefa que cabia exclusivamente ao rei enquanto vontade unificadora e expressão legítima do corpo vivo da nação. Os conhecimentos sobre o território eram assim um estrito privilégio dos monarcas e das estruturas de governo (...) [no Brasil,] destinavam-se a servir como cartas de navegação, contendo também informações de interesse militar e administrativo.

Os mapas do Brasil eram feitos pelos viajantes, com animais enormes e indígenas com arco e flechas matando pessoas.

História verídica e descrição de uma terra de selvagens nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no novo mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os

dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa Impressão. (Staden, Hans, 1557)

Estágio de observação e Regência

Nesse semestre, como não tive saída de campo da turma 2019, cumpri todas as minhas horas na escola, somente à tarde, com os oitavos e nonos anos, totalizando 45 horas.

Reparei que os professores não estão gostando muito do Educatron, mas tem que usá-los um pouco. Os professores estão se sentindo muito cuidadosos para passar o conteúdo.

Observo os métodos de ensino em sala de aula, o comportamento, o que fazer e como agir. Cada turma tem o seu perfil e cabe ao professor o papel de uma figura forte, segura. Às vezes é preciso assumir um papel, um personagem, para chamar a atenção de um determinado assunto.

Esse é meu último estágio, já estou bem familiarizada com os alunos e com o professor Tide. Durante esses dois anos, eu o ajudei várias vezes na aula. Ditei conteúdos, escrevi no quadro, passei prova, mas no dia da minha regência, fiquei muito nervosa. Conversamos com o professor e deixamos que ele escolhesse o conteúdo, como ele estava ensinando sobre a África no oitavo ano, escolheu o Apartheid e Nelson Mandela. Assunto extremamente fácil e gostoso. Ivana solicitou que fizéssemos juntas, eu concordei. Mas, em outro momento, preferi fazer sozinha. Fiz algumas pesquisas, redigi um texto, mandei para ela e tudo deu certo.

O combinado foi que cada umaalaria um pouco, explicaria bem o assunto e como tarefa, levamos cartolina e pedimos para formar grupos para que fizessem um mapa mental. Entregamos uma cópia do texto para cada grupo, fiquei bem tranquila, já estou acostumada com a turma, não param de tagarelar um segundo. Quando o professor Tide disse que hoje nós duas iríamos dar aula para eles, as crianças ficaram quietas nos olhando, eu fiquei muito constrangida. Nossa, me deu um branco, sendo que eu sou assim mesmo, não gosto muito de falar em público, fico toda atrapalhada, mesmo para os meus professores, quando tem SIEPE então... até dor de barriga me dá.

Eu cansei de explicar coisas para eles, conversar, ajudar nas tarefas, passar provas e naquela hora, quase fiz um fiasco. Respirei fundo e foi, aí comecei a explicar e foi fluindo, mas a princípio parei, fiquei sem ação.

Avalio que o estágio de regência foi fundamental para o meu crescimento profissional e pessoal, pois me proporcionou uma visão ampla sobre as dificuldades e desafios. Além disso, tive a oportunidade de colocar em prática técnicas pedagógicas, desenvolver minha capacidade de liderança, organização e resolução de problemas, o que certamente contribuirá para minha atuação futura.

Síntese dos módulos

O módulo Diálogo de Saberes: Geografando os Projetos de Aprendizagem II, expandiu a proposta de integração entre os saberes no processo educativo e aprofundou as práticas e metodologias de ensino. Consolidou e ampliou a troca de saberes entre o conhecimento formal e o saber popular.

Considerações finais

A forma como os diferentes módulos do curso de licenciatura em geografia se conectam, proporciona uma visão mais completa e integrada dos temas estudados, permitindo uma conclusão mais profunda e contextualizada. A interconectividade ajuda a aplicar conceitos de diferentes áreas em situações reais, promovendo uma aprendizagem mais prática e relevante. O processo de desconstrução envolveu questionar e desaprender ideias e preconceitos previamente internalizados em mim, abrindo espaço para novas perspectivas. A reconstrução permitiu reformular minha identidade e entendimento do meu eu, do meu mundo, me levando a uma forma mais consciente e intencional de ser e estar no mundo.

Desenvolvi habilidades como empatia, resiliência e pensamento crítico, essenciais para minha vida pessoal e profissional, promovendo ações mais justas e

sustentáveis, estou consciente que meu papel no mundo vai permitir contribuir de forma mais significativa para a sociedade e construção de um futuro melhor.

Reflexões para o Futuro

Pretendo manter uma postura de aprendizado contínuo, sempre aberta a novas ideias, compartilhando minhas experiências e meu aprendizado com meus educandos, contribuindo para o crescimento coletivo e construção de um mundo mais justo, igualitário e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Elefante, 2016.

ALEKSIEVICH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher** São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 9-43.

ARRUDA, DIEGUES, A. S. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

CPTEC. **Prevendo o tempo-Centros Meteorológicos-Nuvens**. Etec-Instituto Federal do Paraná. Curitiba-Paraná, 2012, p. 71.

BECKER, Bertha K. **A geopolítica na virada do milênio**: Logística e desenvolvimento sustentável. p. 272-307.

CATAIA, Marco Antônio. **Fronteiras: Territórios em conflito**

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A Inconstância da Alma Selvagem**. Perspectivismo e Multinaturalismo na América Ingígna. São Paulo: UBU, 2020. p. 299-346

FERRARI, Maristela. **As noções de fronteira em geografia**. Revista Perspectiva Geográfica, Marechal Cândido Rondon, v.9, n. 10, mês?, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão**. p.165-203.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: Um debate**. GEOgraphia, Niterói, Ano IX, , p. 20-24, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **A investigação ação e a construção do conhecimento profissional relevante.** In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pesquisa em educação: Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Loyola, 2008. p. 27-39.

PERUZZO, Cicilia M Krohling. **Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação.** México, Estudios de las Culturas Contemporáneas, v. XXIII, p. 161-190, 2017.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira.** São Paulo: Hucitec, p. 142, 1993.

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução à Geografia da População.** Tradução de Fausto Guimarães. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.